

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 118 / Setembro, 2000 / Nº 2.058

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Glorifiquemos a Vida

Conferência pela Paz Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais — Juvanir Borges de Souza

O Salário do Filósofo — Canuto Abreu / M. Quintão / Guillon Ribeiro

Encorajamento — Passos Lírio

Ante a Tempestade — Richard Simonetti

A Reforma do Código Penal – I – Eutanásia — José Carlos Monteiro de Moura

Bandeira do Brasil — Pedro de Alcântara

A Prece Refratada — José Jorge

Esflorando o Evangelho — Porta Estreita — Emmanuel

Para Muitos, o Indecifrável Problema da Morte — Ney da Silva Pinheiro

A FEB e o Esperanto — Neto de Zamenhof no Brasil — Affonso Soares

A Vitória da Vida

Obras de Referência do Espiritismo – II — Geraldo Campetti Sobrinho

Braz Cardoso Teti — Edson Caldeira

Dois Mil Anos se Passaram: É pouco? — Roosevelt Pinto Sampaio

Aspectos Positivos do Não — Clara Natércia

FEB/CFN Comissões Regionais – Reunião da Comissão Regional Norte

Congresso Espírita Americano

Suplemento – Cinqüentenário do Conselho Federativo Nacional

Seara Espírita

Assinatura de Reformador - Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: O tema da capa, nesta edição, inspira-se no editorial *Glorifiquemos a Vida*, que é uma exortação de REFORMADOR aos seus leitores para que se engajem na Campanha *Em Defesa da Vida* – lançada em 1993 e agora reativada –, cujo objetivo é posicionar-se contra a pena de morte, o aborto, o suicídio e a eutanásia. No momento em que tramitam no Congresso Nacional projetos de lei que atentam contra a vida, favorecendo a sua extinção, precisamos dizer NÃO à pena de morte, que contraria nossas tradições cristãs; ao aborto – crime abominável contra criaturas indefesas; à eutanásia e ao suicídio.

Editorial

Glorifiquemos a Vida*

Este final de século e de milênio reservou à humanidade dias de aflições superlativas.

A violência, sob múltiplos aspectos, manifesta-se por toda parte. não estão resguardados os velhos ou as crianças, os lares ou as oficinas.

As sombras transitórias que se abatem sobre o Mundo favorecem e incentivam o egoísmo humano, individual e coletivo.

Nem o supremo bem da vida, dom de Deus e Sua presença em nós, escapa às arremetidas infelizes da negação e da morte, sob formas variadas.

Intensifica-se neste País o clamor de grande parte de sua população em favor da pena de morte, contrariando nossas tradições de nação pacifista.

O aborto, esse crime abominável contra criaturas indefesas, toma proporções alarmantes, defendida sua legalização em projeto legislativo.

O suicídio encontra defensores em todo o mundo e as estatísticas não deixam dúvida quanto à gravidade do problema.

E a eutanásia demonstra a profunda ignorância a respeito das leis divinas, na hora do sofrimento.

Felizmente, há muitas consciências alertadas contra tais crimes.

O Movimento Espírita brasileiro tem posição firme e clara, sem discrepância, no que concerne à necessidade de defender a vida humana, desde a concepção.

É na defesa dessa posição, sempre a favor da vida, e diante dos perigos da hora presente, em que o ateísmo, a descrença, a indiferença e a ignorância põem em risco o dom de viver, que a Federação Espírita Brasileira busca congrega todos os espíritas brasileiros contra a pena de morte, o aborto, o suicídio, a eutanásia.

A FEB espera que cada espírita seja um agente de esclarecimento e de paz junto a todos os irmãos brasileiros. ●

* Este editorial foi publicado em Reformador de outubro de 1993, por ocasião do lançamento da campanha "Em defesa da Vida".

Conferência pela Paz Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Realizada pela ONU, em Nova York, de 28 a 31 de agosto de 2000, da qual participou a Federação Espírita Brasileira.

A Organização das Nações Unidas, preocupada com os terríveis conflitos que ameaçam as vidas de grande número de pessoas em várias partes do Globo, e com o propósito de encontrar novas maneiras de prevenir hostilidades e assegurar paz e segurança, convidou os mais proeminentes líderes religiosos e espirituais do mundo a se reunirem para um Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz (The Millennium World Peace Summit), o qual se realizou em Nova York, de 28 a 31 de agosto passado.

O Presidente da Federação Espírita Brasileira, Juvanir Borges de Souza, foi convidado a participar desse magno e histórico evento e a apresentar um documento contendo propostas específicas relacionadas com:

- I – a prevenção da erupção de atos de guerra;
- II– o combate à violência em suas múltiplas formas;
- III– a redução das tensões sociais, através do combate à pobreza;
- IV– a preservação e melhoria do meio ambiente;
- IV– a criação de medidas preventivas e cooperativas de preservação da paz.

O Presidente da FEB remeteu ao Secretário-Geral do The Millennium World Peace Summit, Bawa Jain, o documento solicitado, cujo texto reproduzimos abaixo, e compareceu ao Encontro, acompanhado de dois Vice-Presidentes, como seus assessores.*

Exmo. Sr.
Secretário-Geral
The Millennium World
Peace Summit

Em nome da Federação Espírita Brasileira, instituição que representa o Movimento Espírita do Brasil, e atendendo ao convite expresso no ofício de 31 de maio de 2000, apresentamos nossa contribuição ao nobre objetivo das Nações Unidas para o estabelecimento da paz no mundo.

Inicialmente constatamos, com alegria, que os propósitos do MWPS, especificados no convite, enquadram-se perfeitamente nos objetivos da Doutrina Espírita, extremamente abrangentes, mas que podem ser resumidos na transformação moral e intelectual do homem.

Essa simples enunciação compreende um vasto programa de educação e reeducação das massas humanas espalhadas por todas as latitudes. É uma obra gigantesca a ser desenvolvida indefinidamente no tempo.

Os programas de educação e reeducação vão muito além da instrução convencional, em todos os níveis. Referimo-nos à educação integral do homem, ser dual constituído de um corpo material, transitório e perecível, e de um Espírito eterno, que vive e revive diversas vezes em corpos diferentes, e que tem um destino regido pelas leis divinas.

Em resumo, todos os questionamentos referentes ao mundo em que vivemos relacionam-se com o homem, com a vida e com tudo que lhes diz respeito.

Uma compreensão da realidade do que é o homem, sua vida e seu destino facilitará a solução de todos os problemas humanos no mundo.



Sentimo-nos perfeitamente à vontade e desejosos de colaborar com o The Millennium World Summit, no sentido de:

- I. “prevenir a erupção de horríveis atos de guerra”;
- II. combater a violência em suas múltiplas formas;
- III. reduzir as tensões sociais, através do combate à pobreza e eliminação da miséria;
- IV. preservação e melhoria do meio ambiente em todo o Planeta;
- V. criação de medidas preventivas e cooperativas de preservação da paz;
- VI. outras ações que visem alcançar os altos objetivos das Nações Unidas e que se harmonizem com a Doutrina Espírita.



A prevenção contra as ações e tendências que levam às guerras (I) entre povos, nações e grupos sociais é uma necessidade premente, que deve estar na cogitação de todos os seus governos, dirigentes e responsáveis.

Já não mais se justificam os riscos de grandes conflitos pela intransigência de uns poucos dirigentes.

A paz é um bem geral que precisa estar na consciência de todos os povos, de todos os governos e de todos os indivíduos.

Ao fim do século XX e início do 3º milênio da Era Cristã já há conhecimentos e sentimentos suficientes para se proscrever definitivamente as guerras, isolando-se os elementos perturbadores da paz e limitando suas ações e pretensões.

A obra das Nações Unidas, que já é admirável no campo internacional, pode ser aperfeiçoada com medidas educativas, persuasivas e preventivas, em favor de todos.



A violência no mundo reveste-se de múltiplas formas (II).

As guerras são explosões de violência coletiva envolvendo nações e continentes, como ocorreu por duas vezes na primeira metade do século XX.

Mas a violência individual está espalhada pelo mundo, causando males de toda ordem.

Crimes contra a vida, contra os direitos humanos, contra a propriedade, contra a paz das pessoas e das famílias são manifestações da violência individual e de grupos.

A repressão à violência pelos órgãos policiais, militares e judiciários é uma necessidade reconhecida, mas não a solução ideal, que busca as causas.

Somente a educação e reeducação espiritual e moral serão capazes de estancar a violência individual, pela compreensão da própria responsabilidade que cabe a cada um pelas ações e pensamentos.

A educação espiritual-moral, com o conhecimento da lei divina de causa e efeito, é a grande força modificadora das tendências inferiores e também dos maus hábitos adquiridos.

A ação educativa exclui a violência e a pena de morte, incompatíveis com a natureza humana, já que a violência pode gerar mais violência e a pena de morte

atinge o corpo, mas não o Espírito, que continua vivendo, talvez mais obstinado no erro e no mal.

Em suma, um mundo melhor, em busca da regeneração e da paz, precisa substituir a violência, a maldade e a ignorância de muitos indivíduos que compõem as sociedades humanas, pela compreensão, pela cooperação, pelo perdão das ofensas, pelo amor ao próximo, como está expresso na Mensagem do Cristo de Deus.

•

As tensões sociais resultantes da pobreza (III) produzem, em toda parte, mal-estar, incompreensões, sensação de injustiça imposta pelas instituições humanas e por Deus.

Na realidade, pobreza sempre existiu e existirá no mundo, do ponto de vista da detenção de bens materiais.

Já foram tentados no mundo sistemas de organização social visando a igualdade de todos no tocante aos bens e às riquezas. Em pouco tempo constata-se a utopia da igualdade pretendida diante das desigualdades individuais.

O que impressiona, pois, não é a pobreza diante da riqueza, mas a miséria material e moral em que se encontram milhões de criaturas humanas em todos os continentes, sem o mínimo que se impõe à sustentação da vida, quer no tocante à alimentação, ao vestuário, à habitação, quer no que diz respeito à dignidade humana, à saúde, à instrução, à educação.

Há muito que as civilizações humanas poderiam ter suprimido os extremos da miséria material.

O desperdício e o supérfluo, ao lado da carência absoluta, só se explicam pelo egoísmo, pela indiferença e pela insensibilidade que caracterizam inúmeras pessoas e instituições humanas, inclusive governos.

Aceita e vivenciada a Lei de Amor e Justiça preconizada pelo Cristo de Deus, em sua abrangência e entendimento amplos, desaparecerão os focos de miséria, deprimente para todos, existentes no mundo.

Urge que governos e órgãos não governamentais se unam às Nações Unidas visando à extinção dos focos de miséria localizados em todos os continentes.

•

A proposição (IV) – que objetiva ação conjunta, visando à preservação e melhoria ambiental – é de interesse da população mundial, não só do presente como do futuro.

A cultura dos povos em geral, a não ser nas últimas décadas do século atual, não deu maior importância à destruição das florestas, à poluição dos rios, lagos e da atmosfera, para não se falar no lixo atômico comprometendo os oceanos.

O problema torna-se mais grave com o aumento contínuo da população mundial e com a ignorância generalizada do grande problema.

A ação educativa que deverá ser permanente, em toda parte, deverá conjugar-se à ação preventiva e coercitiva de todos os governos, que precisam unir-se em convênios e tratados em favor de todos.

•

A quinta proposição (V) – criação de medidas preventivas e cooperativas de preservação da paz – está intimamente relacionada às duas primeiras – “prevenir a erupção de horríveis atos de guerra” e combate à violência em suas múltiplas

formas.

A paz é um bem inefável, um estado de consciência que leva cada um à prática do Amor e da justiça.

Para que haja paz no mundo é preciso que ela seja desejada pelos indivíduos e que estes possuam uma consciência esclarecida.

Paz, portanto, não é inação, indolência do corpo, mas saúde e alegria da alma refletidas nos sentimentos bons dos indivíduos que compõem as sociedades humanas.

A paz no mundo deve conter os elementos da paz preconizada por Jesus a seus seguidores: a consciência do cumprimento dos deveres perante Deus e perante os homens, com a força da fé e da esperança.



Existem outras ações e procedimentos (VI) que visam alcançar os altos objetivos das Nações Unidas e que se harmonizam com a Doutrina Espírita.

Decorridos muitos milênios desde o surgimento do “homo sapiens”, a civilização terrena da atualidade apresenta contrastes que não mais se justificam.

O egoísmo insensibiliza o ser humano com relação às necessidades de seu semelhante.

Tanto o indivíduo quanto as organizações sociais necessitam da compreensão, da solidariedade, do amor, como as religiões preconizam.

Espiritualizar-se, eis o primeiro passo para a compreensão do homem por si mesmo e para que suas instituições reflitam os ideais de paz, amor, solidariedade.



Os conhecimentos e as verdades que a Doutrina Espírita trouxe ao Mundo são idéias firmadas em realidades que podem ser absorvidas nos princípios filosóficos de todas as religiões, por serem incontestáveis e eternas.

A Moral Espírita é a mesma ensinada pelo Cristo, na máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer sempre o bem e não o mal.

As experiências variadas da vida no mundo têm por finalidade o progresso, a evolução do Espírito eterno.

Os propulsores da evolução moral e intelectual das Humanidades são os próprios homens, Espíritos encarnados e desencarnados, através de idéias, inspirações, descobrimentos científicos.

Assim, nasceram e se constituíram as Religiões, as Ciências, as Organizações Políticas e Sociais, as Artes, os costumes, as tradições.

Em síntese, a transformação do Mundo para melhor pode ser realizada pelos próprios homens, através da educação e reeducação individual e coletiva.

Para tanto há evidente necessidade de se unirem as Ciências e as Religiões, na busca de idéias que se complementam.



Os objetivos das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, os princípios da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, todos os altos ensinamentos das Religiões que visam a melhoria do mundo e do homem são ideais comuns que se ajustam à Doutrina do Amor sintetizada no ensinamento do Cristo: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

•

Agradecemos sinceramente ao MWPS a oportunidade que nos ofereceu para contribuir na solução de tão ingentes problemas do mundo.

Juvanir Borges de Souza
Federação Espírita Brasileira •

* Na edição de outubro publicaremos notícia sobre o Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial.

O Salário do Filósofo

Por ocasião do 150^o aniversário de nascimento de Aristides de Souza Spínola (1850 – 29 de agosto –2000), venerando presidente da Federação Espírita Brasileira durante seis anos e vice-presidente por onze anos e meio, estamos homenageando-o através da crônica abaixo, que a ele se refere, publicada em Reformador de 1923. Para maiores detalhes da vida e obra de Aristides Spínola, recomendamos a leitura da biografia estampada em “Grandes Espíritas do Brasil”, de Zêus Wantuil.

No alto de íngreme ladeira, num planalto irregular, existe uma casinha isolada e modesta onde mora um filósofo. Este filósofo, como em geral os filósofos, é velho e solteiro, simples e generoso. Tem, no entanto, sobre os outros a vantagem da boa saúde, indicada no corpo cheio e ereto, nas faces rosadas, na fronte desanuviada e inteligente. Seu coração amorável, apesar dos setenta anos de pulsações incessantes, lhe permite habitar aquele ermo agreste e andar quase diariamente, ladeira abaixo, morro acima, para o trabalho, para o estudo, para a caridade.

Habita só, naquela vivenda solitária. Só com os patinhos que cria... Como apóstolo, é naturalmente pobre, no sentido de não ter fundos terrenos de reserva. Mas possui a verdadeira riqueza, aquele formidável e invulgar tesouro, que consiste em não achar falta em coisa alguma, em achar supérfluo o pouco que Deus lhe dá.

Na mudez serena do retiro onde o homem é só, vive aquele filósofo cercado de espectros. Longe do mundo e perto do céu; enquanto lá embaixo a Humanidade treme desesperada na vertigem ambiciosa do irrealizável, ele realiza o sonho de escutar em vigília os sussurros carinhosos dos Espíritos, dos que partiram e deixaram no oceano da existência a esteira da virtude e da saudade.

Mas os homens não deixam o velhinho integrar-se no recolhimento. Correm à ermida, sempre que necessitam de conselho urgente e decisivo, de assistência perspicaz e libertadora. Porque ele é o advogado dos oprimidos e, especialmente, dos oprimidos espíritas.

Despreocupado das coisas deste mundo, não se recordará talvez de quando entrou para a Federação, tão longe vai a data. A Federação, porém, sabe que ele é afiliado antigo e se recorda de que nas dificuldades sempre teve o seu concurso inestimável. Sim, inestimável, pela sinceridade, presteza e valor, mas principalmente pelo modo de concorrer. Nunca perguntou que cargo lhe iam dar, sempre aceitou aquele que lhe indicaram. Tão grande é o seu desprendimento neste assunto que, se uma conveniência administrativa viesse tirá-lo da presidência para a portaria, o filósofo, aureolado de humildade real, que não apenas aparente como a de tantos, sem a mais leve objeção, passaria sorridente a ser porteiro.

A este mérito raro, junta-se uma sólida erudição espírita, teológica e jurídica que o tornará um dia, como outros que já deixaram a Terra, superior padrão de espírita. Hoje, chamam-no alguns de excêntrico...

Quando há bonança e calma, quando a Doutrina singra sem perigos, o filósofo excêntrico se recolhe à sua ladeira. Só não se esquecem dele os numes e penates. Quando os vagalhões encapelados partem o seio úmido na quina da barca, ameaçando a tripulação; quando a propaganda tangencia os códigos humanos e atira ao banquinho dos réus um companheiro, então para logo ele é lembrado. E a casinha da ladeira permanece de vela acesa até à madrugada. Os gênios protetores ali descem em maior número, e o monge espírita começa a

produzir a defesa que, a um tempo, salvará o companheiro e a Causa.

Estilo sóbrio, correção lingüística, argumentação irretorquível tecem a obra modelar, graças à qual a Doutrina tem vencido os obstáculos das leis restritivas de sua divulgação.

Uma, duas, três... quantas vitórias já logrou a Federação na esfera jurídica? Não vale recordar. Mas todas, humanamente falando, são do velhinho bom, desse filósofo sadio, do fidelíssimo e venerável servo do Senhor, que habita, só, a casinha do Ascurra. A liberdade de trabalho que logramos devemos-la em magna parte ao instrumento que soube defender os nossos problemáticos direitos, arrancando da consciência dos juizes o amparo que não poderia tirar das leis malfeitas e transitórias.

E os que o procuramos nas situações críticas lhe teremos sido sempre suficientemente gratos? Teremos dado à sua obra o apreço que merece? A Humanidade é geralmente ingrata.

Ainda há poucos dias, conseguida, para todos nós espíritas, no Supremo Tribunal, a bela vitória que nos impeliu a escrever comovidos estes períodos, o velhinho subiu, só, como sempre, a ladeira onde reside. Ninguém o acompanhou ao descampado pouso. Galgou-a ele sozinho, esquecido a seu turno da ingratição dos homens por levar a alma transportada de reconhecimento ao seu Senhor.

Na verdade, que importam ao solitário filósofo as manifestações dos homens, se sempre por Jesus é que trabalha? Que importa ao bom varão não seja o seu trabalho em voz alta abençoado pelos que dele se beneficiam, se o salário que espera não é deste mundo?

Uma única recompensa ele aguarda, antegozando-a nas alegrias de uma consciência límpida! Essa tê-la-á certamente no dia em que o céu, engalanado para o receber, disser pela boca dos nossos maiores: "Amado companheiro, cumpriste bem o teu dever; foste um exemplo!" ●

**Canuto Abreu
M. Quintão
Guillon Ribeiro**

Encorajamento

PASSOS LÍRIO

Renova-te a ti mesmo.

A ação benfazeja do Sol vivifica e refaz a face da Terra.

Tudo se transforma, o inverno transmuda-se em primavera florida. À noite sucede o dia, envolvendo o mundo em luz. O espinheiro de hoje é adubo de amanhã, fertilizando o solo. A semente minúscula faz-se árvore frondosa, florescendo e frutificando. A criança tenra e débil vem a ser o cidadão do seu país de nascimento.

Curva-te, irmão, aos ensinamentos do Evangelho do Senhor Jesus, para caminhares bem aprumado e ereto.

Não estaciones na estrada escura, quando as claridades dos Cimos se te oferecem aos passos.

Confia em ti mesmo. O poder da vontade e a firmeza de ânimo em desejares crescer em estatura espiritual melhorar-te-ão os impulsos que fomentarão o teu próprio progresso.

Jesus é a Luz vivificante, clareando, cada manhã, os caminhos de tua vida, para conduzir-te aos Páramos do Grande Além, qual se fora um astro a mais entranhado nos arcanos do Universo.

A marcha do Tempo te conduzirá às culminâncias da Espiritualidade.

Guarda-te e resguarda-te no Bem, em tua caminhada, para ascensão às esferas superiores, através da pluralidade das existências e da trajetória nas transmigrações dos mundos.

Renova-te a ti mesmo. ●

Ante a Tempestade

RICHARD SIMONETTI

Lucas, 8:22-25; Marcos, 4:35-41; Mateus, 8:23-27.

A tarde caía.

Jesus decidiu atravessar o lago de Genesaré com os discípulos, uma pausa nos labores de atendimento à multidão.

Buscando repouso, recostou-se na popa, enquanto o barco singrava as águas serenas do grande lago.

Súbito, como ocorre com freqüência naquela região, o vento soprou forte, levantando ondas imensas.

Jesus dormia, tranqüilo.

O mesmo não acontecia com os discípulos.

O barco jogava muito, parecia prestes a virar. A praia estava longe. Corriam risco de vida!

E porque a situação ficasse cada vez pior, apavorados, trataram de acordar Jesus:

– Salva-nos, Senhor, que perecemos!

Fitando-os com a tranqüilidade de sempre, ele respondeu:

– Por que temeis, homens de pouca fé?

Então, ergueu-se, ordenou ao vento que parasse de soprar e ao mar que se acalmasse.

Imediatamente a Natureza atendeu.

O vento fez-se brisa suave e as ondas enormes eram agora leves ondulações que beijavam a embarcação.

Os discípulos ficaram pasmos.

– Quem é esse que até os ventos e o mar lhe obedecem?

•

O episódio oferece marcante exemplo dos poderes de Jesus.

Há quem minimize o feito notável, afirmando que o fenômeno é freqüente na região, decorrente da canalização de correntes de ar entre as montanhas que cercam o lago.

O vento vem e vai, em breves sopros.

Essa tese envolve um problema:

A necessidade de sincronização entre o pedido de socorro dos discípulos e a suposta interferência de Jesus, no exato momento em que a ventania deveria cessar. Seria extremamente complicado.

Além disso, implicaria admitir um ato de prestidigitação que o situaria como mágico, a exercitar sofisticado truque.

Há uma explicação mais razoável:

Preposto de Deus, que presidiu à formação da Terra e a governa, Jesus detinha poderes para interferir na Natureza.

As ações do Mestre antecipavam o futuro da Humanidade.

Quando assimilar plenamente os valores espirituais exemplificados por Jesus; quando cumprir as leis divinas, superando suas mazelas, o Homem terá poderes que o habilitarão a controlar os elementos.

Teremos invernos mais amenos, chuvas menos torrenciais, secas menos devastadoras, favorecendo a bonança.

Sempre oportuno lembrar sua afirmativa (João, 14:12):

– Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço.



O episódio no lago de Genesaré tem notável conteúdo simbólico. Podemos situar a jornada terrestre como longa viagem, singrando mares ignotos.

Às vezes, o oceano está belo e calmo.

Estamos saudáveis e bem dispostos...

Finanças em ordem...

Estabilidade no emprego...

Família em paz...

Sentimo-nos ajustados e felizes...

De repente, sopram os ventos. Levantam-se ondas agitadas que nos ameaçam.

Uma doença inspira cuidados...

Há a perda de um emprego...

Surge uma crise familiar...

Parte um ente querido...

Não raro, experimentamos dificuldade para lidar com essas situações.

Somos possuídos por temores...

Vai a coragem...

Chega o pessimismo...

Nasce o medo...

Falece a esperança...

Manifestam-se a perturbação, o desencanto, a revolta, a rebeldia...

Em casos extremos há quem resvala para o álcool, as drogas, o desatino, e até o suicídio, essa falsa porta de fuga que apenas o precipita em sofrimentos mil vezes acentuados.

Por quê?

Fácil explicar:

Falta de fé, como ocorreu com os discípulos.

Podemos defini-la como a confiança plena em alguém ou em alguma coisa.

A fé é a bússola, a segurança, o apoio para todas as situações.

Quem a conquistou nunca se perde nos balanços do barco existencial, quando sopra a ventania da adversidade.



Geralmente nos enganamos a respeito da fé.

Julgamos possuí-la.

Nosso comportamento sugere o contrário.

Algo como aconteceu numa cidade do Nordeste.

Longa estiagem atormentava a população.

Quando a situação se tornou intolerável, um grupo de fiéis procurou o padre, na igreja, propondo orações coletivas em favor da chuva.

O sacerdote perguntou-lhes:

– Vocês têm fé?

– Temos!

– Acreditam que Deus ouvirá nossas orações?

– Acreditamos!

– Guardam a convicção de que vai se derramar a chuva agora mesmo, torrencialmente?

– Sim, padre! Estamos certos disso!

– Então, por que não trouxeram os guarda-chuvas?

•

O Evangelho de Mateus termina com a divina promessa (28:20):

– Estarei convosco até a consumação dos séculos.

É preciso atentar para essas palavras.

Jesus informa que permanecerá com seus seguidores para sempre.

Maravilha! A seu lado a jornada é mais fácil e segura.

Com Jesus não há problema insolúvel, dificuldade insuperável, dor insuportável, desafio invencível...

Com ele não nos assustam as tormentas da existência, nem nos amedrontam os ventos da adversidade.

Contar com Jesus é o nosso grande trunfo em todas as situações!

Consideremos, porém, que o evangelista se reporta aos seguidores de Jesus.

Seguidor, como sabemos, é aquele que segue alguém, que lhe observa as orientações e imita os exemplos.

Segundo as recomendações de Jesus, devemos nos amar uns aos outros, renunciar aos interesses pessoais, perdoar as ofensas, eliminar os vícios, vencer a indiferença, superar o comodismo, dispondo-nos a consolar aflitos, medicar enfermos, alimentar famintos, confortar aflitos...

Se faz isso tudo, amigo leitor, parabéns!

Você é um seguidor de Jesus!

Certamente a paz e a serenidade, a alegria e o bem-estar são as marcas de seus dias! ●

A Reforma do Código Penal - I

Eutanásia

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

1. O anteprojeto de lei que cuida da reforma da Parte Especial do Código Penal traz, entre outras novidades, o crime de eutanásia, definido no § 3º do artigo 121, da seguinte maneira:

“Se o autor do crime é cônjuge, companheiro, ascendente, descendente, irmão ou pessoa ligada por estreitos laços de afeição à vítima, e agiu por paixão, a pedido desta, imputável e maior de dezoito anos, para abreviar-lhe sofrimento físico insuportável, em razão de doença grave e em estado terminal, devidamente diagnosticados:

Pena – reclusão, de dois a cinco anos.”

Por sua vez, considera lícita a ortotanásia, ao estabelecer, no § 4º do mesmo artigo 121, que “não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial, se previamente atestada por dois médicos a morte como iminente e inevitável, e desde que haja consentimento do paciente ou, em sua impossibilidade, de cônjuge, companheiro, ascendente, descendente ou irmão”.

O Código vigente não cuida de nenhuma das duas hipóteses. As situações que, por ventura, venham a tipificá-las, são consideradas como modalidades de homicídio privilegiado, tendo em vista os motivos de relevante valor moral ou social com que o agente teria agido.

As novidades, no nosso entendimento, pecam pela inoportunidade. Na incriminação da eutanásia, o legislador foi extremamente benevolente, principalmente se for comparado o tratamento penal que lhe é dispensado com aquele que o Código dedica ao homicídio privilegiado. Nos termos do artigo 121, § 2º CP – que define o crime em questão – o juiz poderá diminuir a pena de um terço a um sexto, quando presentes as causas especiais de diminuição de pena ali previstas: violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, motivo de relevante valor moral ou social. Via de regra, somente se cogita da forma privilegiada quando se trata de homicídio simples, cuja pena varia de 6 a 20 anos de reclusão, embora não exista nenhum óbice legal ou doutrinário que impeça a convivência do privilégio com as qualificadoras – que elevam as penas para 12 e 30 anos, respectivamente – desde que as últimas não se relacionem com a motivação.

Isso significa que, na vigência do atual Código, o acusado de cometer uma eutanásia está sujeito, em tese, a uma pena que vai de 4 a 13 anos e 3 meses de reclusão, caso se adote, na sua fixação, a diminuição mais favorável de um terço. A situação é, portanto, bem mais grave do que aquela cogitada no anteprojeto, que prevê uma pena de 2 a 5 anos de reclusão. Não obstante a comprovada falência das penas privativas de liberdade, notadamente no Brasil onde a precariedade do sistema prisional é notória, não se pode desconhecer que a impunidade ainda se constitui, no atual estágio da civilização, num dos maiores estímulos da criminalidade. Iniludivelmente, a posição perfilhada pelo anteprojeto incentiva a prática do homicídio, cominando uma pena leve para a eutanásia e reconhecendo, a priori, a licitude da ortotanásia.

2. A realidade brasileira, em que pese a predestinação espiritual do país, ainda não permite que se adote a filosofia recomendada pelos Espíritos, e de que Kardec foi um dos defensores mais autênticos, de se substituir a cadeia pela escola, a punição pela educação.

O momento, sobretudo por ser um momento de transição, exige uma postura realista em face de nossos problemas. A expressão usada na resposta da questão 796 de “O Livro dos Espíritos” – “uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas” – embora possa parecer muito dura e contundente, aplica-se, lamentavelmente, a uma grande parcela da sociedade brasileira, em virtude da dissolução da família, da licenciosidade dos costumes, da violência e da criminalidade, da superação ou inversão dos verdadeiros valores, da pouca seriedade e honestidade administrativas, enfim, de toda esta gama de erros, desmandos e calamidades que povoam o seu cotidiano e que já acabaram por integrar naturalmente a sua rotina diária.

No particular aspecto do objeto destas considerações, o afrouxamento das sanções penais não implica, ao contrário do que se pressupõe e do que se apregoa, uma conquista da modernidade, mesmo porque a eutanásia é prática que se perde na poeira dos tempos. Na antiga Índia, os doentes incuráveis eram afogados no Ganges. Gregos e romanos a defendiam, principalmente através de seus filósofos, com o argumento de que “a dor é o único mal, e o prazer o único bem da vida”. De acordo com Royo-Villanova y Morales (“El Derecho A Morir Sin Dolor”, Ed. Aguilar, Madrid, 1929, p. 32), na Grécia “era prática freqüente que os cidadãos cansados da carga do Estado e da crueldade da existência viessem à magistratura, expondo ante ela as razões em que baseavam seu desejo de morrer, e se os magistrados julgavam suficientes esses motivos, concediam-lhes autorização para matar-se, proporcionando-lhes o veneno necessário para isso”. Em Roma, os condenados à crucificação recebiam uma bebida que “produzia um sono profundo e prolongado, durante o qual o crucificado não sentia nem os mais cruentos castigos, e por fim caía em letargo passando à morte insensivelmente” (Ariosto Licurzi, “El Derecho de Matar” Ed. Pereyra, Córdoba, 1934, p. 17). Os germanos matavam os enfermos e na Birmânia eram enterrados vivos os velhos e os doentes terminais, sem contar que eslavos e escandinavos apressavam a morte dos próprios pais, quando enfermos e tidos como incuráveis. Em algumas populações rurais sul-americanas, ainda persiste o costume de “despenar” (“privar de pena, de sofrimento”). Segundo José Ingenieros (“A Humanidade e os Seus Problemas Sociais”, Ed. Getúlio Costa, Rio, 1937, p. 129 e ss), esse costume “é um dever do bom amigo e o fato de a gente se negar a fazê-lo era reputado ato desonroso, mistura de impiedade e covardia”.

Nem a Bíblia escapa do velho hábito. Alguns autores, como Evandro Corrêa de Menezes (“Direito de Matar”, Liv. Freitas Bastos, Rio/SP, 1977, p. 45) vêem no episódio da morte de Saul (I Sam, 31: 4 a 6) uma hipótese de eutanásia. O exagero é manifesto. O exemplo é típico do verdadeiro suicídio, mas serve para revelar a ansiedade e o lamentável açodamento com que alguns penalistas defendem a legitimidade do malsinado homicídio consensual. Todavia, o mais chocante e estarecedor exemplo de eutanásia não pertence ao passado mais distante, posto que ocorrido em pleno século XX, quando Hitler ordenou o massacre em massa dos judeus. Conquanto do ponto de vista jurídico-penal o holocausto se defina como genocídio, o fundamento da insânia do ditador alemão foi a pretensa preservação da pureza racial (eutanásia eugênica ou selecionadora), aliada à necessidade de se eliminar todas as pessoas que não tivessem valor social (eutanásia eliminadora ou econômica).

3. As doutrinas que, do ponto de vista jurídico, defendem a licitude da eutanásia e, conseqüentemente, a existência de um “direito de matar”, são de natureza exclusivamente materialista, embora para se comprovar que toda regra comporta exceções, Platão tenha sido um dos seus adeptos. Um dos fundamentos utilizados por seus simpatizantes está na diferença que estabelecem entre o que chamam de “verdadeiro direito de morrer”, que seria o suicídio, e o “direito de

morrer sem dor”, que configuraria a autêntica eutanásia. Na primeira hipótese, o fato irrelevante para o Direito Penal, porquanto não há como se punir o suicida, único responsável por sua morte, tanto que o Código incrimina apenas as ações de induzir, instigar ou auxiliar no suicídio de terceiros, o que vale dizer que “participar do suicídio alheio” é crime: suicidar-se, não. Na eutanásia, aquele que a comete, ou recebe um tratamento penal privilegiado, ou se vê livre, aprioristicamente, do caráter criminoso do fato, como pretende a reforma brasileira.

Em face da lei dos homens, as conseqüências para essas ações são, portanto, praticamente insignificantes. Contudo, aos olhos da Lei Divina, não prevalecem esses efeitos, e todos que as estimulam, defendem ou recomendam assumem gravíssimos compromissos, individuais e coletivos, nos termos da lei de causa e efeito, cuja regra, “assim na terra como no céu”, é, segundo o Codificador, aquela traçada por Jesus: “a cada um será dado de acordo com suas obras” (“O Céu e o Inferno”, cap. VII, item 33). Alguns dos argumentos mais eloqüentes a favor da eutanásia decorrem, em grande parte, do desconhecimento ou da rejeição dos postulados reencarnacionistas. Ao defendê-la, Enrico Ferri (“La Sociologie Criminelle”, Librairie Félix Alcan, Paris, 1914, p. 403) fez o seguinte questionamento: “Por que razão esta vida que o homem não pediu a ninguém, porém lhe foi dada por uma fatalidade natural, poderia ser-lhe juridicamente imposta à perpetuidade?” Se o grande mestre da Escola Positiva do Direito Penal tivesse seguido o exemplo de seu companheiro Cesare Lombroso e houvesse dedicado um pouco de sua excepcional inteligência ao estudo da Doutrina dos Espíritos, encontraria fatalmente a resposta para sua indagação e não sustentaria mais que o homem é o produto de uma fatalidade natural e que a vida material tende a uma estranha e inusitada perpetuidade jurídica. Hegel, citado por Ariosto Licurzi (op. cit. p. 81) depois de reduzir a vida humana à mesma condição de outros bens materiais, sustenta que “quanto à pessoa tenho ao mesmo tempo minha vida e meu corpo, o mesmo que outros bens, só porque existe minha vontade. Tenho estes membros, esta vida só porque quero. Não só o animal, porém o homem pode também mutilar-se e matar-se”.

Esses dois exemplos bastam para demonstrar os perigosos caminhos por onde enveredaram os nossos legisladores penais. Propiciarão soluções de ordem prática, máxime as que dizem respeito à exigência de limpeza das prateleiras do Judiciário, para que os juízes possam cuidar de assuntos “mais sérios”. Ao mesmo tempo, acabarão por decretar, de forma irreversível, a falência total do pouco de respeito que ainda resta pela vida humana, que se vê assim relegada a uma posição de absoluto desdém e inferioridade!

4. Nelson Hungria, o insuperável mestre do Direito Penal brasileiro, sempre lembrado e relembrado por todas as gerações de advogados que se formaram a partir de 1940, em conferência pronunciada na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1955, deixou, para todos que se preocupam com a preservação da vida, com a sua valoração e com a sua destinação superior, um legado de inestimável valor. Por uma questão de espaço, seguem-se, como exemplo, apenas dois trechos de seu pronunciamento, cuja atualidade e total sintonia com os postulados espíritas é incontestável:

“É sabido que a nossa vigente lei penal desacolhe a tese da impunidade do homicídio eutanásico, isto é, do homicídio praticado para abreviar piedosamente os sofrimentos de um doente incurável. Apenas transige em considerá-lo um homicidium privilegiatum, um delictum exceptum, facultando ao juiz a imposição de pena minorada, em atenção a que o agente é impelido por motivo de relevante valor social ou moral.

O nosso legislador de 1940 manteve-se fiel ao princípio de que o homem é coisa sagrada para o homem. Homo res homini sacra. A supressão dos momen-

tos de vida que restam ao moribundo é crime de homicídio, pois a vida não deixa de ser respeitável mesmo quando convertida num drama pungente e esteja próxima de seu fim. O ser humano, ainda que irremediavelmente acuado pela dor ou minado por incurável mal físico, não pode ser comparado à rês pestilenta ou estropiada, que o campeiro abate. Nem mesmo o angustioso sentimento de piedade ante o espetáculo do atroz e irremovível sofrimento alheio, e ainda que preceda a comovente súplica de morte formulada pela própria vítima, pode isentar de pena o homicida eutanásico, cujo gesto, afinal, não deixa de ter um fundo egoístico, pois visa também a libertá-lo de sua própria angústia. Nenhum meio artificial pode ser empregado para truncar a existência ao enfermo desenganado ou apressar a sua extinção iminente. A Parca inexorável deve agir sozinha, sem acólitos e sem cúmplices. O misterioso fio da vida, seja no embrião humano dentro do claustro materno, seja na plenitude da idade viril, seja nos derradeiros arquejos do moribundo, não pode ser cortado senão pela fiandeira Atropos.”

Mais adiante, referindo-se à ortotanásia, afirma:

“Mas, se assim é, se nenhum artifício é lícito para ajudar a Morte, indaga-se: será juridicamente permitida a omissão dos recursos que a medicina conhece, sob o nome genérico de distanásia, para prolongar a vida? Será penalmente lícita a deliberada abstenção ou a interrupção do emprego de tais recursos, ou seja, a prática da ortotanásia, que consiste em deixar o enfermo morrer naturalmente, nos casos em que a cura é considerada inviável? Tenho para mim que a resposta deve ser, categoricamente, redondamente, esta: não! Se o fizer, comete um indubitável homicídio doloso, embora com pena atenuada. Várias são as objeções que se podem opor aos adeptos da ortotanásia, que é, no fim das contas, uma eutanásia por omissão, ou se confunde com a própria eutanásia comissiva, quando importe em retirar o aparelho que esteja servindo ao sustento da vida em declínio. Não há distinguir, como eles pretendem, para o emprego, ou não, da distanásia, entre vida artificial e vida natural, entre vida vegetativa e vida consciente. Não existe gradação ou meio termo entre vida e morte, que são estados absolutamente antagônicos, inacessíveis a qualquer transação ou entendimento recíproco. Ou há vida ou há morte. Não há meia vida ou meia morte. Trata-se de duo contradictoria: non datur tertium. Ainda que mantida por meios artificiosos ou reduzida a mera estremeção muscular, alheia à consciência, a vida, como diz POULET, não deixa de ser tal, não chegou ainda ao término do seu curso, que começa no momento da concepção e somente cessa com o último suspiro” (“Comentários ao Código Penal”, Ed. For, Rio, 1958, vol. VI, p. 379 a 387).

5. A opinião do ex-Ministro, nesta hora em que se cuida de alterar, pressupostamente para melhor, a legislação penal brasileira, a fim de que a mesma se preste aos seus fins de prevenir e reprimir a sempre crescente onda de criminalidade que se instalou no país e no mundo, não pode ser omitida, desconhecida ou desprezada por aqueles que detêm a responsabilidade da missão. Não se trata de uma manifestação de alguém comprometido com qualquer segmento religioso, pois, até onde se permite concluir da leitura de suas obras, Hungria não era muito chegado a esse tipo de questão, à qual dispensava um tratamento evado de uma sutil ironia. Um dos motivos utilizados para repelir os protestos, que se levantaram em todo o território nacional contra as novidades do anteprojeto, repousa exatamente na moderna necessidade de se escoimar o direito, principalmente o Direito Penal, de qualquer resquício de religiosidade. Pronunciamentos de católicos, protestantes, espíritas, etc. sempre foram recebidos, pejorativamente, à conta de comportamento de beatos. Pois é exatamente um confesso não-beato que se coloca ao lado de todos os seguidores dessas religiões para dizer não à eutanásia. ●

Bandeira do Brasil

Bandeira do Brasil, símbolo da bonança,
Enquanto a guerra estruge indômita e sombria,
Sê nos planos de luta o sinal de harmonia,
Espalhando no mundo as bênçãos da Esperança.

Assinalas, na Terra, o país da Alegria,
Onde toda a existência é um hino de abastança,
Guardas contigo a luz da bem-aventurança,
És o florão da paz, marcando um novo dia.

Nascestes sob a luz de um bem, alto e fecundo,
Nunca te conspurcaste aos embates do mundo,
Buscando iluminar as lutas, ao vivê-las...

É por isso que Deus, que te ampara e equilibra,
Deu-te um corpo auriverde onde a paz canta e vibra,
E um coração azul, esmaltado de estrelas.

Pedro de Alcântara

(Do livro "Parnaso de Além-Túmulo", autores espirituais diversos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, p. 410, 14. ed. FEB.)

A Prece Refratada

JOSÉ JORGE

“A oração é uma elevação da alma até Deus, ou um ato de amor e adoração para com Aquele a quem se deve esta maravilha a que se chama vida.”¹

“A verdadeira oração representa um estado místico em que a consciência se absorve em Deus.”²

“Para orar, basta somente o esforço de nos elevarmos até Deus; tal esforço, porém, deve ser afetivo e não intelectual.”³

“Segundo São Luiz Gonzaga, o cumprimento do dever é equivalente à oração.”⁴

“A oração feita por outrem é sempre mais fecunda do que a feita pela própria pessoa.”⁵

Léon Denis assim se manifesta sobre a oração:

“Orar é voltar-se para o Ser eterno, é expor-lhe nossos pensamentos e nossas ações, para os submeter à sua Lei e fazer da sua vontade a regra de nossa vida; é achar, por esse meio, a paz do coração, a satisfação da consciência.”⁶

É ainda Léon Denis quem diz:

“Seria um erro julgar que tudo podemos obter pela prece, que sua eficácia implique em desviar as provações inerentes à vida. A lei de imutável justiça não se curva aos nossos caprichos. Os males que desejaríamos afastar de nós são, muitas vezes, a condição necessária ao nosso progresso.”⁷

Jesus valorizava a oração e, por muitas vezes, deu o exemplo, também orando. É só consultarmos:

Mateus: 14:23; 26:39; 26:42; 26:44. Marcos: 1:35; 6:46; 14:32; 14:35. Lucas: 3:21; 5:16; 6:12; 9:18; 9:28; 9:29; 22:41 e 44. João: 12:27-28 e 17:1-26.

A oração pode ser para um pedido, um agradecimento ou uma glorificação.

As preces de glorificação são as de mais alto grau, pois reconhecem o Amor e a Justiça de Deus. São próprias dos Espíritos mais evoluídos.

Em “O Livro dos Espíritos”, questões 658 a 666, encontramos vários ensinamentos sobre a prece:

“O essencial não é orar muito, mas orar bem.” (660.)

“A prece não esconde as faltas.” É preciso mudar de proceder. (661.)

A prece torna mais suportáveis nossas provas, mas não as evita. (663.)

A prece pelos mortos e pelos sofredores não muda os desígnios de Deus, mas dá alívio. (664.)

Existe, ainda, um tipo de prece bem diferente das conhecidas: a Prece Refratada.

A refração é uma lei física que consiste no desvio que os raios de luz, calor ou som sofrem em sua direção, quando passam de um meio para outro, isto é, mudam de direção quando encontram um meio diferente durante seu percurso.

André Luiz nos dá uma interessante explicação sobre a Prece Refratada. Num diálogo entre Hilário e Clarêncio, este lhe fala da referida prece.

Curioso, Hilário lhe pede maiores esclarecimentos que Clarêncio prontamente transmite:

“– A prece refratada é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo.”⁸

Mais adiante, Clarêncio ilustra sua explicação: “(...) Evelina recorre ao espírito materno que não se encontra em condições de escutá-la, mas a solicitação não se perde... Desferida em elevada freqüência, a súplica de nossa irmãzinha vara os círculos inferiores e procura o apoio que lhe não faltará.”⁹

Noutro trecho, esclarece ainda o autor:

“(...) a súplica que não age pode ser uma flor sem perfume. Peçamos o socorro do Senhor, algo realizando para contribuir em seu apostolado divino...”¹⁰ ●

Referências Bibliográficas:

1. CARREL, Alexis, A Oração, Livraria Tavares Martins, Porto, 1945.
2. Idem, p. 17.
3. Idem, p. 19.
4. Idem, p. 20.
5. Idem, p. 35.
6. DENIS Léon, O Grande Enigma. Rio de Janeiro: FEB. 11. ed. 1999, cap. VII, p. 98.
7. DENIS Leon. Depois da Morte. Rio de Janeiro: FEB. 20. ed. 1997, cap. LI, p. 297.
8. XAVIER Francisco Cândido. (André Luiz). Entre a Terra e o Céu. Rio de Janeiro: FEB, 17. ed. FEB 1997, cap. II, p. 14.
9. Idem, p. 16.
10. Idem, cap. XXV, p. 157.

Esflorando o Evangelho - Emmanuel

Porta Estreita

“Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.” – Jesus.

Antes da reencarnação necessária ao progresso, a alma estima na “porta estreita” a sua oportunidade gloriosa nos círculos carnis.

Reconhece a necessidade do sofrimento purificador. Anseia pelo sacrifício que redime. Exalta o obstáculo que ensina. Compreende a dificuldade que enriquece a mente e não pede outra coisa que não seja a lição, nem espera senão a luz do entendimento que a elevará nos caminhos infinitos da vida.

Obtém o vaso frágil de carne, em que se mergulha para o serviço de retificação e aperfeiçoamento.

Reconquistando, porém, a oportunidade da existência terrestre, volta a procurar as “portas largas” por onde transitam as multidões.

Fugindo à dificuldade, empenha-se pelo menor esforço.

Temendo o sacrifício, exige a vantagem pessoal.

Longe de servir aos semelhantes, reclama os serviços dos outros para si.

E, no sono doentio do passado, atravessa os campos de evolução, sem algo realizar de útil, menosprezando os compromissos assumidos.

Em geral, quase todos os homens somente acordam quando a enfermidade lhes requisita o corpo às transformações da morte.

“Ah! se fosse possível voltar!...” – pensam todos.

Com que aflição acariciam o desejo de tornar a viver no mundo, a fim de aprenderem a humildade, a paciência e a fé!... com que transporte de júbilo se devotariam então à felicidade dos outros!...

Mas... é tarde. Rogaram a “porta estreita” e receberam-na, entretanto, recusaram no instante do serviço justo. E porque se acomodaram muito bem nas “portas largas”, voltam a integrar as fileiras ansiosas daqueles que procuram entrar, de novo, e não conseguem.

(Do livro “Vinha de Luz”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 20, p. 51-52, 15. ed. FEB.)

Para Muitos, o Indecifrável Problema da Morte

NEY DA SILVA PINHEIRO

“Para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não há nada como a bondade.” (Ruy Barbosa, discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, em 1º de outubro de 1908.)

Num enfoque panorâmico apenas, diremos algo, tangenciando o problema da morte – tema da mais alta magnitude, pelo que representa para todas as criaturas humanas. Problema, aliás, que se constitui um tabu para muitos e um doloroso enigma para outros; problema, para a maioria, sombrio e angustioso, diante do qual até muitos espiritualistas não ousam olhar vis-à-vis, tal a educação manipuladora do medo irracional, abrigado nos desvãos do subconsciente.

Nós, os espiritualistas – queremos nos referir a todos os que adotam uma religião ou, simplesmente, intitulados como livres-pensadores, aceitam a sobrevivência do Espírito –, não podemos, às portas do Terceiro Milênio, em face das conquistas do pensamento contemporâneo, alimentar vacilações quanto à continuidade da vida, após nossa jornada pelos caminhos, por vezes, acidentados, da existência terrena. Quem se diz espiritualista ou se rotula como tal, e vacila quanto à realidade da sobrevivência do Espírito, é um incrédulo disfarçado com a roupagem cinzenta da dúvida. Esta é uma forma sofrível de espiritualidade vazia, que não enxerga na morte mais que um silêncio indecifrável, uma interrogação angustiante.

A morte, para nós espiritualistas de todos os matizes, “domiciliados na esfera física”, deve significar uma lei que se cumpre; um marco, entre duas fases, na eternidade de nossas vidas; uma simples mudança de estado; um eclipse momentâneo; uma transição da vida física para a vida espiritual; um indispensável episódio; o abandono necessário de um veículo em decadência – o nosso corpo; veste por vezes imprestável, que cumpriu o seu papel, nos labores evolutivo do nosso Espírito; fardo por demais pesado, sob os anos, para ser carregado, e que não mais corresponde às exigências da vida física, que deve ser devolvido ao laboratório da Natureza.

Para a maioria dos homens, voltamos a repetir, a morte continua a ser um pesadelo, uma indecifrável, enigmática e sombria interrogação, que não ousam olhar com olhos de ver, quando a maior parte das religiões literalistas da Crosta, que deveriam instruir seus adeptos, ficam apenas na periferia do problema, sem quase nada a oferecer aos seus profitentes.

Todavia, ao invés de repelirmos a idéia da morte dos nossos pensamentos, encaremo-la com tranqüilidade, lembrando, com o grande vulto do pensamento científico da França, Charles Robert Richet, que “a morte é a porta da vida”, como escreveu em carta a Cairbar Schutel. Esforcemo-nos, sim, por desmistificá-la, por desembaraçá-la dos preconceitos que a envolvem, da roupagem angustiada com que, em geral, é cercada por nossa incapacidade de entendê-la.

O medo da morte, a tanatofobia, gera verdadeira crise, verdadeiro tormento, chegando a tal demasia, a tal desespero para certas pessoas, “que morrem do medo de morrer”.¹ São criaturas, como afirmam nossos Benfeitores espirituais, que fazem da morte uma deusa sinistra, vendo no fenômeno natural da renova-

ção as mais negras cores, transformando-o numa terrível noite de amarguroso e definitivo adeus.

As solenidades fúnebres, ritos ou cerimônias, engendrados por certos costumes ou por cultos religiosos, concorrem para dar à morte esse aspecto lúgubre, sombrio, chorado, sofrido, num verdadeiro culto a cadáveres, com esquecimento do culto devido ao Espírito.

É costume de mau gosto, que vem desde a nossa infância, apresentar-nos a morte, ainda que com fundo alegórico para o bom compreendedor, de forma esquelética, com a destra empunhando a foice inclemente, fatídica, inexorável. E de tal modo, que essa idéia excêntrica e esdrúxula provoca verdadeira afecção mental, desde a inexperiência de nossa infância. Cria tal psicose, vendo nela um asqueroso vampiro, buscando vítimas a imolar, sequiosa de lágrimas e desesperos; a todos ceifando sem hesitação e sem clemência; vulto hirto e frio como um “cipreste, que, ainda, mesmo florido, sombra da morte no ramal encerra”, no dizer de Castro Alves, poeta genial de “Espumas Flutuantes”. É preciso despir a morte desse aspecto mórbido, nascido de condicionamento milenar.²

Sabemos que não é fácil assistirmos impassíveis, quando o corpo de um ente querido baixa ao silêncio, para muitos indecifrável, do sepulcro, deixando-nos mergulhados numa saudade infinita, amargurada em lágrimas sofridas, como se nos amputasse, dolorido, um pedaço de nossa alma. “Não permitamos, assim, que a saudade se converta em motivo de angústia e opressão.”³

Não é insensibilidade que as circunstâncias nos pedem, porém uma compreensão equilibrada, racional, ainda que banhada com pranto, certo que uma folha não se move no Universo senão pela vontade de Deus, sempre para o nosso bem, como tudo que nos vem do Criador; situação tão difícil de suportar e entender, em nossa visão limitada da vida e da morte.

Procuremos compreender, tanto quanto possível, a sabedoria Divina, sem dimensioná-la, ou tentar dimensioná-la com a bitola estreita da nossa visão limitadíssima das coisas e dos fatos, coerentes com a posição de meros aprendizes, que todos nós somos, das lições de imortalidade, que a escola da vida nos oferece, com vistas aos nossos esforços evolutivos; certo que Deus não nos criou, simplesmente, para ali, mais adiante, nos aniquilar, brincando com os nossos destinos. Deus não joga dados, como afirmava Einstein.

Para o materialista, que nada vê além da vida física; para o agnóstico, que declara o absoluto, o espiritual inacessíveis ao espírito humano; para o niilista, hóspede de profunda letargia espiritual – para todos eles, aferrados à dimensão física, refocilados nas transitoriedades do mundo –, a morte é o mergulho do ser no nada ou no mistério indecifrável, ainda que, no íntimo, procurem disfarçar suas dúvidas, seus pesadelos irrevelados. O materialista, principalmente, para efeito externo, para manifestação de fachada, se diz suficientemente esclarecido e inteligente para não aceitar credence, como essa da sobrevivência do ser após a morte; colocando-se, assim, numa posição impertinente, vendo--se dono intransigente e irreverente da sua pseudoverdade, para si inquestionável; olhando de cima de um pedestal de soberba os que não lhe comungam das idéias, gesto que, por vez, toca à arrogância, num “flagrante delito de ignorância”.⁴

Todavia, para este ou para aquele, quer acreditem ou não acreditem na realidade da sobrevivência do ser – todos nós, na linguagem popular, na sua maneira de dizer e conceber –, chegado o momento decisivo, daremos de cara com nós mesmos. E, então, transferidos todos, pela morte, aos pórticos impassíveis do território cósmico da vida espiritual, que a nós todos espera, ali teremos, ante os olhos da alma, a inarredável e irrecorrível realidade. E vê-se cumprida, assim,

a sentença inapelável, que nos diz que não há morte, senão para o corpo físico, certo que a individualidade permanece eterna, incorruptível, perfectível pelos caminhos inquestionáveis da sua destinação espiritual.

Na vida espiritual é que, a cada giro da Terra sobre si mesma, são despejadas multidões de criaturas; a grande maioria totalmente despreparada para o culminante evento, que a todos espera, porém, com perspectiva sombria para aqueles que acreditam apenas no império do NADA depois desta vida: os piores cegos, a exemplo dos que dizem que mesmo que vissem não acreditariam.

A indispensável preparação, que devemos diligenciar, enquanto por aqui nos encontrarmos, é tarefa de todos nós; o que não depende do rótulo religioso, do rótulo filosófico, ou mesmo não depende de rótulo nenhum, que daqui levarmos; depende, e muito, da compostura com que nos conduzirmos na vida de relação; da observância de uma linha de conduta, não apenas para efeito externo, porém da vivência de uma legítima dignidade moral, de uma nobreza de sentimentos, de uma ética indiscutível, de uma solidariedade efetiva, que venha espontânea de dentro dos nossos corações; certo que, na vida extrafísica, perante a Consciência Cósmica do Bem Eterno, da Justiça Infinita, responderemos, não apenas pelo mal que houvermos praticado, mas, também, pelo bem que deixamos de fazer.⁵ Este ensino serve a todos os matizes religiosos e a todas as filosofias positivas de vida.

Entre a alma, que conhece a Doutrina, mas não lhe vive a sua substancialidade no coração, e aquela que, desconhecendo-a, vive, porém, o Evangelho, espontaneamente, em sua vida de relação, é flagrante o contraste, transpostos os umbrais da eternidade. Enquanto esta desperta tranqüila ao abrigo de paz indefectível, a primeira vê entorpecida, quando não frustrada a ascensão de quem “conhecendo a verdade, almejava a realização divina sem esforço humano, o trigo da verdade sem participar da sementeira, a tranqüilidade sem dar-se ao trabalho das obras, a ciência sem a consciência, as facilidades sem as responsabilidades”, diremos inspirados na beleza estilística da linguagem luizínia.

Independentes dos fatores apontados, que dificultam o momento de regresso, e a vivência no plano espiritual, outros existem que o próprio homem cria, como duendes alucinados das confusões do seu mundo mental: são as inibições interiores, isto é, as vacilações, as deficiências de fé, o apego inútil e prejudicial às circunstâncias e aos circunstantes, o desespero sem razão e o pânico de quem, segundo dizem alhures, “faz da morte uma deusa sinistra, apresentando o fenômeno natural da renovação com as mais negras cores, e transformando a separação provisória numa terrível noite de amarguroso adeus”.

No século XX, às portas do Terceiro Milênio, é urgente que revisemos a nossa atitude mental diante da morte; que rejeitemos essa visão arcaica, paranoica até, de desespero em face do problema da morte, certo que morrer é tão importante quanto viver ou mais, pelas perspectivas que abre à nossa frente. Aceitemos ou não aceitemos a lei das vidas sucessivas, todos nós já morremos e renascemos inúmeras vezes, na vivência desse projeto divino, impositivo cósmico da vida, no interesse de nossa ascensão espiritual, até que não precisemos mais envergar a libré da carne.

Há livros que ensinam como nascer ou como viver, poucos ensinam como morrer. A propósito escreve Emmanuel, ao prefaciá-lo o livro “Obreiros da Vida Eterna”: “O homem moderno (...) esbarra, ante os pórticos do sepulcro, com a mesma aflição dos egípcios, dos gregos e dos romanos de épocas recuadas. Os séculos que varreram civilizações e refundiram povos, não transformaram a misteriosa fisionomia da sepultura. Milenário ponto de interrogação, a morte continua ferindo sentimentos e torturando inteligências.” Afirma, ainda, Emmanuel em ou-

tra oportunidade: “A morte já liberta de sua clássica significação macabra, é, precisamente, o ponto de partida do Espírito para a vida irradiante, infinita e luminosa, nos mundos ultraterrestres, vibrantes de Luz e Fraternidade, de Verdade e Amor.” Para quem fez por merecer, acrescentamos nós.

Quanto à duração de nossa vida na Terra, todos nós temos o nosso momento de regresso ao lar espiritual, marcado no relógio da eternidade, com certa flexibilidade; cada qual tem o seu relógio invisível, que toca no momento certo, convocando-o para a viagem de volta, assinalada por um Poder Maior, que supervisiona com sabedoria, justiça, misericórdia e amor os nossos destinos; evidente que não vivemos ao sabor do acaso. Todavia, existem aqueles que adulteram sua máquina física nos desatinos dos desregramentos de toda ordem, antecipando, irresponsavelmente, esse evento, com graves e dolorosas conseqüências.

Escrevendo sobre o problema da morte, no seu magnífico livro “Da Alma Humana”, o doutor Antônio Joaquim Freire, uma das culturas mais brilhantes do Espiritismo português, refere-se à morte como “a polarização máxima da ignorância da ciência contemporânea”. Entretanto, a Ciência caminha, ainda que com passos lentos e vacilantes para comprovar, definitivamente, a sobrevivência do ser.

Psiquiatras começam a fazer regressões às vidas passadas, para cura de certas moléstias com raízes nas vidas pretéritas, ainda que esse procedimento seja questionável para alguns profissionais da área, que se negam a examinar os fatos.

Essas conquistas liberam, para a parcela refratária da comunidade científica, uma nova e revolucionária visão da vida e da morte, queira ou não queira, comprovando, mais uma vez, a tese milenária da existência e sobrevivência do Espírito, após a morte do corpo somático.

Esses acontecimentos representam uma clarinada de alerta à ciência e às filosofias casuísticas e ortodoxas do nosso tempo, empedernidas na negação sistemática, pura e simples, quando não fogem pela evasiva estreita de não querer ver os fatos, temendo comprometer pseudoverdades, cristalizadas em velhos tabus. Ignoram que estamos sujeitos a uma lei de evolução, força cósmica, que se processa inquestionável e coercitiva, desde o microcosmo ao macrocosmo, na execução do pensamento Divino.

Diligenciamos por derrubar as bastilhas milenares dos preconceitos que envolvem o problema, oferecendo uma visão mais justa, mais consoladora, mais enobrecedora e mais racional do fenômeno da morte, quando o sabemos um determinismo irrevogável, sentença inapelável da sabedoria Divina; verdade incontestável, pela qual seguiremos “um a um no caminho de todos”, como disse Ruy Barbosa, sobre o túmulo, ainda aberto, de Joaquim Maria Machado de Assis.

Sócrates, uma das cerebrações mais extraordinárias do pensamento filosófico da Humanidade, dizia aos seus amigos, que se entristeciam com os seus últimos momentos: “Mostrai-vos alegres, e dizei-vos que ides unicamente sepultar meu corpo.”

Goethe, uma das mais notáveis expressões da civilização ocidental, passando com seu amigo Eckermann pelo bosque de Weimar, disse: “Quando se tem setenta e cinco anos, não há como fugir de pensar algumas vezes na morte. Esta idéia, porém, me deixa numa calma perfeita, porque nutro a firme convicção de que o nosso Espírito é uma essência de natureza absolutamente indestrutível, e continua ativo, de eternidade em eternidade.”

O eminente brasileiro José Bento Monteiro Lobato, em carta a Godofredo Rangel, afirma: “Eu não me desespero com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura.”⁶

Emmanuel, o eminente pensador do Cristianismo redivivo – o Espiritismo – advertia alhures: “Ao invés de temeres a morte, faz da existência a lavoura sublime de bondade e trabalho, auxílio e compreensão, em favor dos que te rodeiam; e para o homem que, a cada dia, transforma a solidariedade em fartura de bênçãos, o ocaso da vida chega sempre por sombra esmaltada de estrelas, acalentando-lhe o sono e garantindo-lhe o despertar, em novo e glorioso dia, dourado de sol.”

Referências Bibliográficas:

1 KARDEC, Allan. Revista Espírita, 1869, março, p. 64., EDICEL, São Paulo-SP.

2 SIMONETTI, Richard. Quem tem medo da morte, p. 15 e 110. Editado por Gráfica São João Ltda., Bauru-SP, 1987.

3 Idem, ibidem.

4 KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. Ed. FEB.

5 Idem. O Livro dos Espíritos, questão 636, 80. ed. FEB.

6 GRANJA, Pedro de Carvalho. Os Simples e os Sábios, p. 166, Edição Calvário, São Paulo, 1971.

A FEB e o Esperanto

Neto de Zamenhof no Brasil

AFFONSO SOARES

O movimento esperantista brasileiro acolheu calorosamente, durante os dias 8 a 16 de abril, o Dr. Louis C. Zaleski-Zamenhof, neto do criador do Esperanto, Lázaro Luís Zamenhof.

Cumprindo intenso programa de visitas, o Dr. Zaleski-Zamenhof esteve em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Niterói.

O ponto alto da agenda na Capital da República foi a solenidade oficial promovida na Câmara Distrital da cidade, em 14 de abril, quando ocorria o 83º aniversário do falecimento do Dr. Zamenhof. A Sessão Solene deveu-se à iniciativa do deputado Renato Rainha e contou com a presença do deputado Wilson Ferreira, Presidente da Sessão, do Dr. Boguslaw Zakrzewski, embaixador da Polônia, de representantes do Rotary Club e da Federação Espírita Brasileira, bem como do Dr. David Bernardes dos Santos, Diretor da Academia de Polícia Civil de Brasília, onde o Esperanto é ensinado graças ao empenho do ex-Diretor Dr. Eurípedes Barbosa.

Da simpática alocução que o Dr. Zaleski-Zamenhof dirigiu, em Esperanto, aos presentes, destacamos este significativo trecho:

“Sinto-me orgulhoso e feliz por aqui estar diante de vós. Orgulhoso pela homenagem que hoje prestais ao meu honorável antepassado, embora nesse sentido não me caiba nenhum mérito pessoal. Feliz, e agora de modo muito particular, pela oportunidade que me é dada de visitar vossa cidade, única em sua espécie no mundo, que já desde a fase de projeto excitava minha imaginação de engenheiro. Além disso, Brasília pode ser considerada “irmã” da língua Esperanto: ambas são artificiais e, por isso, muito criticadas; ambas, porém, apesar dos críticos, são muito prósperas pelo próprio caminho natural de evolução.

Já nos anos 50 deste século que se apaga, eu, como jovem engenheiro polonês, tive o desejo de contribuir para o erguimento de vossa cidade. Meu desejo foi tão convincente que a embaixada brasileira em Varsóvia prometeu-me, sem hesitar, a permissão para que eu lá entrasse e trabalhasse. Faltou-me somente a permissão para sair... por culpa das circunstâncias políticas então reinantes na Polônia.”

Ainda em Brasília, o Dr. Zaleski-Zamenhof foi homenageado na sede da Liga Brasileira de Esperanto, onde se emocionou intensamente ao ouvir a adaptação musical do poema de Zamenhof, *Ho, mia kor'!* (Oh, meu coração!), na execução da Banda Merlin.

A passagem por São Paulo foi assinalada pela acolhida comandada pelo próprio Presidente da Liga Brasileira de Esperanto, Dr. Osvaldo Pires de Holanda, pela visita ao busto de Zamenhof, na Praça da República, e pelas homenagens prestadas na Associação Paulista de Esperanto.

A última etapa foi no Rio de Janeiro e em Niterói, no dia 16 de abril, quando, pela manhã, aguardava-o uma tocante homenagem na Sociedade Espírita Evangelizadora “Ide e Pregai”, instituição presidida pelo Cel. Robson Mattos, filho do eminente trabalhador da causa do Espiritismo em nossa terra, Dr. Kruger

Mattos, já desencarnado.

Robson Mattos, que também integra a equipe de esperantistas-espíritas da Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, cedeu as dependências da Casa ao movimento esperantista neutro e a direção dos trabalhos ao Prof. Sylla Chaves, que compôs a mesa com representantes de ambos os movimentos, esperantista e espírita.

Após sua preleção, o Dr. Zaleski-Zamenhof foi entrevistado pela Rádio Rio de Janeiro e recebeu das mãos de Délio Pereira de Souza, Diretor-Presidente da Societo Lorenz, um exemplar de “Memoraoj de Sinmortiginto” (“Memórias de um Suicida”, em Esperanto). À tarde, o ilustre visitante foi recepcionado com um almoço na residência do casal Walmir e Neide de Barros Rego, esperantistas-espíritas de Niterói, ela poetisa e declamadora premiada nos Concursos de Belas-Artes da Associação Universal de Esperanto. Nessa ocasião tivemos a oportunidade de oferecer ao Dr. Zaleski-Zamenhof um exemplar do livro “Patro Nia” (“Pai Nosso”, em Esperanto).

O neto do criador do Esperanto encerrou sua visita, no Rio de Janeiro, realizando um desejo de que não abriu mão: ver o cair da tarde do alto do Corcovado e assistir ao espetáculo da iluminação da cidade no início da noite.

Sua viagem ao Brasil, assaz honrosa para a família esperantista, conferiu novo alento a seus membros, pelo estímulo que trouxe aos esforços no sentido de sempre manter vivos os ideais superiores que Lázaro Luís Zamenhof ligou de forma indissociável à Língua Internacional Neutra. ●

A Vitória da Vida

Pobre de ti, se pensas ser vencido!
Tua derrota é caso decidido.
Queres vencer, mas como em ti não crês,
Tua descrença esmaga-te de vez.
Se imaginas perder, perdido estás.
Quem não confia em si, marcha para trás;
A força que te impele para a frente
É a decisão firmada em tua mente.

Muita empresa esboroa-se em fracasso
Inda antes do primeiro passo;
Muito covarde tem capitulado
Antes de haver a luta começado;
Pensa em grande, e os teus feitos crescerão;
Pensa em pequeno e irás depressa ao chão.
O querer é o poder arquipotente,
É a decisão firmada em tua mente.

Fraco é aquele que fraco se imagina,
Olha ao alto o que ao alto se destina.
A confiança em si mesmo é a trajetória
Que leva aos altos cimos da Vitória.
Nem sempre o que mais corre a meta alcança,
Nem mais longe o mais forte o disco lança,
Mas o que, certo em si, vai firme e em frente
Com a decisão firmada em sua mente...

Bastos Tigre – Do livro “A Bíblia do Otimismo”.

Obras de Referência do Espiritismo – II

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO

Dando continuidade ao artigo do mês passado, apresentaremos a seguir mais algumas referências de títulos correntes e raros que compõem o acervo da bibliografia espírita, classificadas como obras de referência.

10. GONÇALVES, João. Indicador espírita: índice temático. Brasília: LEDE, 1996. 275p.

Esta obra foi publicada por iniciativa de Lauro F. Carvalho (Brasília, DF). Apresenta 2.671 verbetes, em ordem alfabética, que abrangem uma gama enorme de assuntos combinados entre si por meio de milhares de referências cruzadas, que ampliam a abordagem do tema pesquisado. Cada termo de entrada é seguido de pequeno texto, que por si só representa uma fonte de estudo. Inclui, também, um índice de citações bíblicas, ideal para o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

11. GRISOLIA, Miguel (org.). Índice geral alfabético remissivo da coleção da Revista Espírita de Allan Kardec. São Paulo: Edicel, 1985. 241p. (Col. da Rev. Espírita de Allan Kardec; 13).

Índice completo da Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, publicada sob a direção de Allan Kardec, em tradução de Julio Abreu Filho. Abrange o período de 1858 a 1869, relacionando os assuntos e os nomes em ordem alfabética, fazendo constar os números das páginas e ano de publicação dos respectivos fascículos onde a matéria é abordada. Preciosa fonte de consulta e única no gênero a facilitar o acesso às informações registradas pelo Codificador nesse histórico periódico espírita.

12. GRUPO DE DIVULGAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA ESPÍRITA. Bibliografia espírita: coletânea de assuntos abordados pela Doutrina Espírita e em obras que comprovam, embasam ou ratificam os seus postulados. Salvador, BA: GDBE, 1996. 2v.

Índice temático e onomástico, resultante da pesquisa em obras básicas e subsidiárias do Espiritismo, bem como em obras que dissertam sobre assuntos correlatos com a Doutrina Espírita. Os temas principais são apresentados em ordem alfabética, seguidos dos seus respectivos detalhes e das fontes primárias específicas nas quais os assuntos estão localizados. Insere, no início do primeiro volume, o índice dos assuntos tratados. Ao final do segundo volume são elencadas as referências bibliográficas, incluindo as enciclopédias e dicionários citados.

13. GUIMARÃES, Luiz P. Vade mecum espírita. 6. ed. ampl. e reestrut. São Paulo: Nosso Lar, 1996. 277p.

Índice temático, resultante da pesquisa pelo autor em 347 obras da bibliografia espírita, incluindo-se a Revista Espírita editada por Allan Kardec. Cataloga 1.404 assuntos, dispondo-os em ordem alfabética. Divide-se em duas partes. Na primeira parte, os assuntos são relacionados em ordem alfabética, seguidos dos livros e respectivas páginas em que são tratados

os temas indexados. Na segunda, foi incluída a lista das obras utilizadas na pesquisa, com a indicação do autor, da editora e da edição. Livro inicialmente apresentado em formato horizontal, foi melhorado nas edições recentes para o formato vertical, em duas colunas, de mais fácil e cômoda consulta.

14. JORGE, José. Antologia do perispírito. 5. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: CELD, 1997. 376p.

Apresenta 1.455 verbetes sobre o tema perispírito, extraídos de quase 50 obras, cujos autores são Allan Kardec, Gabriel Delanne, Gustave Geley, Léon Denis, Emmanuel e André Luiz, além de dicionários da língua portuguesa, de parapsicologia e a enciclopédia Larousse Du XXe. Siècle. Em cada obra citada, os verbetes são relacionados em ordem alfabética, seguida da respectiva página de onde foi retirado o texto. Inclui dois índices: um dos assuntos tratados e outro das referências compiladas.

15. JORGE, José. Índice remissivo de O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: CELD, 1990. 3 v.

Índice dos assuntos tratados na obra fundamental do Espiritismo, O Livro dos Espíritos, foi estruturado sob o arranjo de dicionário, com os termos relacionados alfabeticamente, em duas colunas. Para facilitar o acesso ao tema pesquisado, foram inseridas nos cantos superiores direito e esquerdo “as palavras que iniciam e terminam cada assunto respectivamente naquela página”. Em cada verbete, reproduz pequeno trecho de O Livro dos Espíritos, buscando contextualizá-lo na abordagem de Kardec. Após cada texto, há indicação da fonte onde se encontra a informação procurada, seja pergunta, resposta, nota, introdução ou conclusão da obra indexada.

16. O Livro Espírita na FEB: catálogo geral. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. 272p. il.

Primeira etapa do Projeto Série Bibliográfica da FEB. Apresenta as referências bibliográficas e os resumos dos títulos correntes e das obras raras publicadas pela editora da Federação, a classificação dos títulos correntes por assunto e tipologia, quadros de autores encarnados, de autores espirituais, de médiuns, de tradutores, de adaptadores e de autores de capa, bem como quadros de edições, incluindo o título, a data da primeira e da última edição e o milheiro acumulado nas diversas tiragens. Dados estatísticos dos levantamentos são mostrados em números absolutos e percentuais por meio de gráficos ilustrativos. A obra contemplou informações atualizadas até setembro de 1992.

17. MACEDO, Roberto. Vocabulário histórico-geográfico dos romances de Emmanuel. 2. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. 152p.

Apresenta o conceito de vocábulos históricos, referentes a personalidades, regiões e costumes, coletados dos romances Ave, Cristo!, 50 anos depois, Há 2000 anos..., Paulo e Estêvão e Renúncia, ditados por Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier. Ordena os vocábulos alfabeticamente, fazendo remissivas dos termos correlatos não adotados para os que foram considerados como entrada principal. O trabalho toma como bibliografia básica a obra Notícia geográfica e histórica de Sayão e as Notícias históricas de Allan Kardec, além de obras especializadas no assunto.

18. MESQUITA, José Marques. Elucidário de Evolução em Dois Mundos. Revisão técnica: Gerson Sestini. São Paulo: Culturesp, [1984?]. 304p. Formato de bolso.

Apresenta definição dos termos mais complexos e dos que possam oferecer alguma dificuldade de entendimento ao leitor existentes no livro Evolução em Dois Mundos, editado pela FEB, de autoria espiritual de André Luiz e psicografia dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. A elucidação é realizada capítulo a capítulo, e os verbetes são relacionados alfabeticamente.

19. PALHANO JR., L. Dicionário de filosofia espírita. Rio de Janeiro: CELD, 1997. 378p. il.

O Departamento Editorial do Centro Espírita Léon Denis publicou esse dicionário, que define, filosoficamente, termos do vocabulário espírita e apresenta traços biográficos de personalidades que contribuíram para o trabalho e desenvolvimento do Espiritismo no Brasil e no mundo. O livro conta com enriquecedor prefácio da Professora Dalva Silva Souza, autora da obra Os Caminhos do Amor, editada pela FEB.

20. PINHEIRO, Ney da Silva. Prontuário de André Luiz. Araras, SP: IDE, 1998. 172p. il.

A preciosa obra de André Luiz foi toda indexada. O autor incluiu a conhecida Série André Luiz (os dezesseis volumes, de Nosso Lar a E a Vida Continua... editados pela FEB) e mais doze livros lançados por diversas editoras. O resultado do significativo trabalho foi publicado como um índice que merece ser pesquisado pelos estudiosos espíritas, tal a importância das informações referenciadas.

21. SOARES, Sylvio Brito. Páginas de Léon Denis. 2. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1984. 206p.

Seleciona trechos das obras de Léon Denis, "com proveitosa condensação do aspecto filosófico da Doutrina Espírita". Inclui ensaio biográfico, destacando a personalidade moral, intelectual e cristã do referido autor. Ressalta sua participação em vários congressos espíritas e espiritualistas, relacionando as principais conferências por ele proferidas. Traça sucintos comentários sobre as obras de Léon Denis, incluindo, também, o testamento moral deste renomado espírita.

22. XAVIER, Francisco Cândido. Dicionário da alma. Autores Diversos; [organização de] Esmeralda Campos Bittencourt. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1990. 405p.

Cataloga conceitos e considerações espíritas sobre temas relevantes à compreensão humana, extraídos de 13 obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier e publicadas por diversas editoras. Objetiva facilitar a consulta a estes assuntos abordados na literatura espírita, possibilitando a edificação e o reconforto de quantos os lerem. Apresenta-se sob forma de dicionário, arrolando os vocábulos em ordem alfabética e citando, logo após cada texto, o nome do autor espiritual e o número indicativo ao título do livro relacionado como fonte de consulta.

23. XAVIER, Francisco Cândido. Palavras de Emmanuel. Pelo Espírito Emmanuel; [organização de] Sylvio Brito Soares. 5. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1988. 200p.

Apresenta diversas questões científicas, sociais, filosóficas, históricas, religiosas e morais, sob o enfoque do Espiritismo. Relaciona pensamentos e ensinamentos ditados pelo Espírito Emmanuel a Francisco Cândido Xavier, em admirável compilação do Dr. Sylvio Brito Soares. A obra está organizada em 23 capítulos, tendo ao final de cada pensamento a sigla do título da obra da qual foi transcrito.

24. XAVIER, Francisco Cândido. Pérolas do Além: extratos de obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1972. 240p.

Sylvio Brito Soares organizou esta obra em 1952, a qual continua sendo publicada até hoje pela FEB, tal a sua importância para o estudo da Doutrina Espírita. O livro foi estruturado sob forma de dicionário para facilitar a consulta acerca de variados temas tratados em quarenta e duas obras psicografadas pelo médium mineiro. Para Sylvio Soares estas obras constituem uma enciclopédia de Espiritismo.

Obras Raras

1. ADGMT. Dicionário de Doutrina Espírita. 2. tir. Rio de Janeiro: Gráf. Esperanto, [1964]. 304p.

Trabalho iniciado em março de 1960 e concluído em abril de 1963, resultante da pesquisa e esforço intelectual de cinco autores, integrantes do Grupo Espírita Regeneração (Rio de Janeiro), que se ocultaram sob a sigla ADGMT – junção das iniciais dos respectivos nomes próprios. O dicionário informa sobre o significado dos termos espíritas, fazendo referência às fontes de que “promanam suas transcrições textuais”. Valiosa fonte de pesquisa, incluindo definições, comentários, remissivas a assuntos correlatos, sinônimos e glossário elucidativo de termos técnicos. Apresenta, ainda, repertório dos verbetes e as convenções das obras que compõem as referências bibliográficas utilizadas como base da pesquisa.

2. PAULA, João Teixeira de. Dicionário enciclopédico ilustrado: Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia. 3. ed. corrig. e atual. Porto Alegre, RS: Bels, c 1976. 293p. il.

Reúne 1.971 verbetes em ordem alfabética, “ilustrações, transcrições elucidativas, etimologia, doutrina e análises”, objetivando facilitar a compreensão das ciências espírita, metapsíquica e parapsicológica. Em linguagem simples e clara, remonta às origens das palavras elencadas, desde o latim e o grego até o italiano, francês, alemão, inglês e o espanhol. Apresenta neologismos estrangeiros e nacionais sobre as ciências estudadas, constituindo-se em fonte indispensável aos estudiosos espíritas. Ao final da obra, inclui 196 remissões de chamadas de texto e a bibliografia consultada.

3. VADE MÉCUM Kardequiano. Rio [de Janeiro] : FEB, 1951. 133p.

Relaciona assuntos contidos nas obras kardequianas, visando a facilitar a consulta aos livros de Allan Kardec. Apresenta relação de temas por ordem alfabética, com a indicação das obras e número da página onde os

mesmos estão inseridos. Inclui referências biográficas de personalidades citadas por Allan Kardec em suas obras.

•

Prezado leitor, nosso objetivo foi relacionar apenas algumas obras de referência úteis ao leitor de obras espíritas, mas, como todos sabemos, este trabalho bibliográfico é extenso.

Braz Cardoso Teti

EDSON CALDEIRA

No dia 22 de dezembro do ano de 1999, vitimado por complicações cardiovasculares, desencarnou o confrade Braz Cardoso Teti, ex-Presidente da Federação Espírita Pernambucana no período de 20-1-1984 a 30-8-1985. Apesar do pouco tempo (19 meses) em que ficou à frente da FEP foi decisivo para a solução de problemas então presentes na Casa, em decorrência das atividades de curas e cirurgias mediúnicas levadas ao patamar da prioridade.

Braz Teti reencarnou, no dia 21 de abril de 1929, na cidade de Recife (PE), filho de Aloísio Rodrigo Teti e Leonila Cardoso Teti, tendo em 1963 concluído o curso de Direito. Funcionário durante vários anos do SENAI (Serviço Nacional da Indústria), atuou na área administrativa, com destaque na área de Recursos Humanos, ministrando treinamento e proferindo palestras.

Casou em primeiras núpcias com a Sra. Severina Cordeiro Teti, com a qual teve seis filhos. Viúvo desde junho/94, consorciou-se em segundas núpcias – janeiro/98 – com a Sra. Janete Martins Teti.

Na Federação chegou pela primeira vez através das mãos da sua genitora; em 1960 tornou-se sócio da FEP. Em novembro/1970 assumiu a Primeira Secretária. Sempre demonstrou preocupação com a tribuna espírita, tendo ministrado cursos sobre oratória, nos quais ressaltou a necessidade do estudo e do planejamento do tema a abordar, dentro das técnicas, objetivando sempre uma boa comunicação.

Em janeiro/1974 foi eleito para o Conselho, à época denominado Superior, e em março passou a ocupar a Vice-Presidência até janeiro/1980, quando por necessidade profissional foi transferido para a cidade de Petrolina (PE), distando 769km de Recife, assumindo a direção do SENAI naquela cidade. A distância não o afastou da Causa, pelo contrário, foi estimulado a divulgar cada vez mais a mensagem consoladora, culminando na fundação da primeira instituição espírita de Petrolina, que denominou Centro Espírita “Deus, Cristo e Caridade”, tornando-o de imediato adeso à Federação.

Mesmo distante acompanhou a trajetória da sua querida FEP, quando em fins de 1983 retornou para Recife, reassumiu o seu cargo no Conselho Superior, do qual estava licenciado. Mais de perto, foi informado sobre as atividades da FEP, recebendo efetivo ultimato da maioria dos Conselheiros, que culminou com a sua eleição no dia 20-1-84. Foram realizadas modificações administrativas, maior aproximação com as Instituições além de reforma estatutária. Braz se preocupou em canalizar trabalhadores e recursos para a FEP.

Os embates e esforços daquele líder foram muitos, sempre contando com o apoio da FEB, através do seu então Presidente Francisco Thiesen. Na reunião do Conselho Federativo Nacional realizada em novembro/1984, com base no seu Regulamento e Regimento, à época, o seu Presidente indicou Braz Cardoso Teti para ocupar a sua Terceira Secretária. Braz demonstrava uma característica extrovertida, de boa conversa, de idéias arejadas com responsabilidade, mas também possuía sensível coração, culminando que em fins de agosto/85 sofresse um enfarte do miocárdio, dando ensejo à realização da cirurgia “ponte de safena”, fato que não lhe possibilitou retornar ao cargo, cujo mandato terminaria em janeiro/86. Permaneceu no Conselho Deliberativo (atual denominação) da FEP até janeiro/94, contudo não mais ocupou cargos na Diretoria Executiva; embora acompanhando as atividades da Federação, voltou-se com empenho em auxiliar Instituições próximas do seu bairro residencial através de palestras e orientações.

Um mês antes da sua desencarnação discursou, bastante emocionado, diante do esquife do seu filho primogênito (Augusto Cesar), vitimado por um letal enfarte. No dia 23 de dezembro de 1999, o corpo de Braz Cardoso Teti baixou à sepultura no Cemitério Parque das Flores, em Recife. ●

Dois Mil Anos se Passaram: É Pouco?

ROOSEVELT PINTO SAMPAIO

Dois milênios são passados da vinda do Divino Mestre ao nosso convívio para nos entregar os meios de salvação: seus divinos ensinamentos, consubstanciados em seu Evangelho, que na verdade é um admirável guia de comportamento. Orientador perfeito para nossa evolução, não é até hoje levado em consideração como deveria ser.

Vemos a Humanidade imersa em lutas fratricidas, em que irmãos se destroem em nome de objetivos puramente materiais, onde o poder, as riquezas, o prestígio, o ódio racial são as grandes motivações. O pior de tudo é que, muitas vezes, invocam motivações de ordem religiosa como justificativa desses atos infelizes.

Encontramos lutas internas onde facções estão em conflito pelo poder em nome de motivos religiosos, nacionalistas, econômicos, políticos, raciais, dentre outros. Guerras entre países, onde algumas vezes em lugar do conflito, predomina o estado de guerra.

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, encontramos as palavras de Agostinho em 1861 acerca do duelo: “(...) O duelo, remanescente dos tempos de barbárie, em os quais o direito do mais forte constituía a lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura.”¹

Na realidade, sob a forma de conflito ou guerra, nada mais temos que um duelo, que, condenado em 1861, ainda persiste.

Encontramos, também, no citado capítulo do referido livro de Kardec uma mensagem assinada por um Espírito Protetor, datada do mesmo ano, que nos diz: “Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela humildade que o Cristo exemplificou e preceituou? Só quando isso se der desaparecerão esses preceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal morem no coração do homem.”²

Qual o resultado, então? Podemos facilmente constatar. Quantos males! Quantos prejuízos! Quantas injustiças! Quantas vidas são ceifadas! São o resultado dessas ações eivadas de barbarismo primitivo.

É extremamente difícil entender que quando temos a indicação de Jesus de que os pilares da Lei Divina poderiam ser resumidos em: Amar ao Senhor teu Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a ti mesmo possam ainda se encontrar estas lutas. Como pensar na tentativa de justificá-las em nome da religião ou de Deus? Seria possível e aceitável fazer essa indicação e acabar com essa situação? Evidente que não!

O homem precisa entender cada vez mais que a caridade, a fraternidade e a solidariedade devem ser os marcos que balizem o seu relacionamento dentro da sociedade e, mesmo, entre elas.

Quantos e quantos sofrem em condições subumanas sem que se faça algo para resolver essa situação? Quantos morrem dia após dia por falta de condições mínimas de alimentação, higiene, saúde e abrigo que lhes são negadas?

Enquanto isso o desperdício, o consumismo, a ostentação materialista, o emprego de recursos para fins escusos e o entesouramento avaro, esbanjam os recursos que amenizariam ou resolveriam tais situações dolorosas.

O pior, no entanto, é a desfaçatez que se verifica por parte de certos indivíduos e mesmo da sociedade. Alguns destes, investidos de poder para guiar o destino de grupos ou de povos, vêm a público reconhecer as dificuldades, a má situação em que seus irmãos se encontram, mas nada de efetivo fazem para mudar o rumo das coisas. Discursos vazios! Ação nula! Deveriam eles pensar que sendo apenas depositários do Senhor, no caso infiéis, o futuro que os aguarda não será nada agradável.

Malbaratando os recursos que propiciariam as condições mínimas para uma existência decente que poderia ser oferecida a todos esses desfavorecidos, falham duplamente: primeiro, usando indevidamente os bens materiais, empréstimos do Pai e não propriedade absoluta deles; em segundo lugar usando o poder que o Pai lhes conferiu em proveito próprio e de alguns dos seus, sem se preocuparem com a massa de irmãos que vivem em dificuldades e que eles deveriam atender, em virtude do mandato que para isso receberam. Voltamos a advertir: no futuro se fará justiça.

Da mesma forma que se execram as lutas armadas, os conflitos, etc., e nada se faz para solucioná-los – às vezes até mesmo alimentando-os – o homem ainda não incorporou os ensinamentos básicos passados por Jesus. Se os tivesse entendido estaria agindo de outra maneira, estaria procurando fazer com que todos tivessem as mínimas condições de participar da caminhada evolutiva que o Pai nos proporcionou e continua a nos proporcionar.

É chegada a hora de começarmos a valorizar os ensinamentos do Mestre. Ao entrarmos no terceiro milênio tenhamos em mente que o mais precioso bem que nos poderia ser legado já o foi. É o grande tesouro que Jesus nos ofertou, estando ao alcance de todos: o Evangelho, roteiro de vida, indicador de nossas atitudes, que está aí para servir-nos de constante amparo.

Lembremos que: “Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seus semelhantes: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que tendes a seguir.”³

Adolfo, bispo de Argel, já dizia que “a clemência é irmã do poder (...)”⁴ Só quando conseguirmos extirpar para sempre do mundo o sentimento de animosidade e da discórdia e acabarmos, assim, com a guerra, iremos mudar as características do nosso planeta, caminhando para o seu real objetivo: transformar-se em um planeta de regeneração.

Alimentemos com Jesus o nosso espírito e teremos com seu Evangelho, além do refrigério, o nosso guia. Quem o conhece, quem o segue, quem o procura possui tudo o que precisa. Usemo-lo e estaremos dando seguros passos na necessária caminhada que temos que realizar para que um dia possamos alcançar a senda que nos conduzirá à perfeição a que nos destinou o Pai.

Referências Bibliográficas:

1 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, O Duelo. 116. ed., Rio de Janeiro: FEB. 1999, item 15, p. 210.

2 Op. cit., item 13, p. 208.

3 Op. cit., item 11, p. 205.

4 Idem, ibidem.

Aspectos Positivos do Não

CLARA NATÉRCIA

“Todo não tem uma explicação.” Tal conceito nós o lemos, há tempos, em um livro sobre psicologia infantil, no qual o autor orientava os pais, no sentido de que, ao negar algo à criança, não se limitassem apenas a dizer-lhe NÃO.

Segundo o psicólogo, deveriam esclarecer-lhe o porquê de sua atitude contrária, mostrando o dano que adviria se a deixassem fazer o que quisesse. Dava, então, alguns exemplos. Digamos que a criança se encaminha em direção à janela e seja proibida de ter acesso ao peitoril. Cumpre dizer-lhe do perigo de uma queda a que ela se expõe. Ao observar o pequenino com um objeto cortante ou perfurante na mão, como se fora um brinquedo, adverti-lo do risco de se ferir pelo mesmo. Ao se aproximar de uma mesa ao seu alcance, evitar que o faça, dando-lhe a entender que o objeto pode cair-lhe sobre o corpinho. E assim por diante. O psicólogo tentava lembrar aos pais e educadores, em geral, que, uma vez esclarecida, a criança pode aceitar melhor as restrições ou recusas aos seus desejos e vontades.

Reportando-nos a essa diretriz psicológica, passamos, então, a meditar sobre o NÃO que nos tem sido dado através da palavra divina. No Decálogo, recebido por Moisés no alto do Monte Sinai, constatamos que, dos Dez Mandamentos, sete registram o NÃO. Há a predominância de proibição justamente com o precípuo escopo de preservar-nos de quedas e falências ante as leis divinas.

Pelos Dez Mandamentos, nas Tábuas da Lei, somos induzidos a uma obediência paradoxalmente negativa, mas, no fundo, em realidade, de sentido nítida e essencialmente positivo, imunizador, preservativo. Posterior a Moisés, Jesus, como o Messias prometido, trouxe-nos novos rumos ao encaminhamento de nossas vidas, asseverando que não veio destruir a Lei Divina, mas, sim, dar-lhe cabal cumprimento, pondo-nos em consonância com as determinações supremas do Criador. Com a sua didática sábia, segundo depreendemos dos seus ensinamentos, o Mestre enunciou, bastas vezes, o NÃO, em sentido evidentemente positivo, resguardando-nos de riscos e perigos a que estamos sujeitos.

Não obstante, de todo advertidos e bem orientados pela Palavra do Senhor, ainda assim sentimos dificuldades em nossa adaptação aos parâmetros dos seus ensinamentos. Claudicamos, com falhas e desvios de nossa estrada redentora, a cujas sinalizações quase sempre estamos desatentos.

O Evangelho do Senhor sofreu desvirtuamentos e interpolações que o descharacterizaram em sua simplicidade e pureza primitivas, contribuindo assim para que os postulantes ao discipulado cristão se perturbassem e perdessem o rumo certo da caminhada.

Tal situação de enganos e engodos, de logros e malogros, pressentida pelo Mestre, levou-O a tranquilizar-nos com a promessa do advento do Consolador, que teve os prenúncios de seus albores em 18 de abril de 1857, mediante a publicação por Allan Kardec de “O Livro dos Espíritos”, em Paris (França).

De então por diante, as obras da Codificação Kardequiana que se lhe seguiram deixaram-nos vislumbrar a manhã nascente em todo o esplendor de sua claridade solar. A Nova Revelação estava, sem dúvida, estruturada em suas bases, desfazendo as brumas e nebulosidades que encobriam os marcos e sinalizações da estrada, sem enganos e engodos.

A Doutrina dos Espíritos proscreeu o NÃO dos seus ensinamentos, no nortea-

mento dos nossos passos? Não, dizemos nós agora. Prescreve proibições? Sim, só nas entrelinhas do seu contexto doutrinário-evangélico. O NÃO está imanente, intrinsecamente nelas embutido, como pérolas ocultas nas conchas das ostras. Faz-se mister acuidade no olhar para depreendê-lo em sua feição positiva, que salta, então, do texto para ficar conosco, ou seja, com o nosso senso de responsabilidade, com o nosso cérebro e coração, com a nossa mente e consciência, enfim, com o nosso livre-arbítrio.

Nós, espiritistas, quando verdadeiramente familiarizados com os ensinamentos da Doutrina dos Espíritos, é que nos proibimos de falar ou não falar, de fazer ou não fazer, de permitir ou não permitir, de aquiescer ou não aquiescer. Assim é que permanecemos em estágio positivo, negando o que não nos convém ou quanto venha em sentido contrário aos princípios e preceitos do nosso aprendizado haurido nas fontes inconcussas das obras kardequianas. Nelas o NÃO prevalece quando podemos detectá-lo para aplicá-lo em nós mesmos. ●

FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS

Reunião da Comissão Regional Norte

Realizou-se a Reunião Ordinária da Comissão Regional Norte, deste ano, em Porto Velho, Rondônia, na sede do SEST – Serviço Social de Transporte –, de 2 a 4 de junho, com a presença de 92 participantes das Federativas dos seis Estados da Região – Federação Espírita do Estado do Acre (9), Federação Espírita do Amapá (5), Federação Espírita Amazonense (11), União Espírita Paraense (9), Federação Espírita de Rondônia (55) e Federação Espírita Roraimense (3) –, de 10 integrantes da delegação da FEB e do convidado Edvaldo Roberto de Oliveira, da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Os trabalhos foram coordenados por Nestor João Masotti e secretariados por Alberto Ribeiro de Almeida.

Centenário de Desencarnação de Bezerra de Menezes

Na noite de sexta-feira, dia 2, houve a Sessão Comemorativa do Centenário de Desencarnação de Bezerra de Menezes, cuja abertura foi feita pelo Presidente da Federativa anfitriã, Pedro Barbosa Neto, seguindo-se a exposição do tema: “Bezerra de Menezes, o trabalho de unificação e a tarefa do Brasil como Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, por Dori Vânia da Costa Cunha, Presidente da Federação Espírita Amazonense, com a participação de membros da delegação da FEA.

Reunião dos Dirigentes

Na manhã do dia 3, teve início a Reunião Geral de todos os participantes, com a respectiva apresentação e a prestação de esclarecimentos gerais, começando, a seguir, a Reunião dos Dirigentes e as reuniões das Áreas específicas: Atividade Mediúnica e do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude e Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

Participaram da Reunião dos Dirigentes: pela FEB – Nestor João Masotti (Coordenador), Altivo Ferreira (Assessor) e Alberto Ribeiro de Almeida (Secretário); pelas Federativas Estaduais: Acre – Vandir Furtado de Almeida (FEEAC, Representante); Amapá – Ozilene Araújo da Costa (FEAP, Representante); Amazonas – Dori Vânia da Costa Cunha (FEA, Presidente); Pará – Jonas da Costa Barbosa (UEP, Presidente); Rondônia – Pedro Barbosa Neto (FERO, Presidente); e Roraima – Cláudia Ribas da Rocha Piva (FER, Representante); além de diversos assessores.

Os Representantes das Federativas expuseram os principais projetos desenvolvidos e os problemas surgidos na sua execução, ligados ao assunto tratado na reunião anterior: “Avaliação do trabalho federativo com base no documento Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas, constante no opúsculo ‘Orientação ao Centro Espírita’.” O assunto da reunião – “Como operacionalizar em toda a sua abrangência o trabalho das Entidades Federativas” – suscitou várias propostas e sugestões relacionadas com a conscientização das lideranças

espíritas, planejamento das atividades federativas, formação de trabalhadores para a ação federativa e outros de interesse do Movimento Espírita em cada Estado.

A próxima reunião será realizada em Manaus (AM), de 15 a 17 de junho de 2001, considerando-se a sua melhor localização, em face das grandes distâncias que separam os Estados da Região Norte. O tema será: “Avaliação das Reuniões das Comissões Regionais e seus reflexos na Federativa e no Movimento Espírita do Estado: a) diagnóstico global e por área; b) apresentação de sugestões para seu aperfeiçoamento; c) discussão e estabelecimento de um plano de trabalho para a Comissão Regional Norte.” Este tema será discutido em todas as Áreas específicas, além dos assuntos próprios de suas reuniões.

Sessão Plenária

A sessão plenária de encerramento ocorreu na manhã do dia 4, com a presença de todos os integrantes da Reunião Geral, quando os coordenadores das Áreas específicas apresentaram os relatórios de suas atividades, como segue:

a) Área da Atividade Mediúnica e do Atendimento Espiritual, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura (FEB). Assuntos da reunião: 1. Aprovação do Projeto de Organização e Funcionamento da reunião de Estudo da Mediunidade; 2. Elaboração de sugestões, de organização e funcionamento da reunião de Assistência Espiritual; 3. Apresentação do Modelo de tratamento espiritual pelas Federativas do Amapá, Amazonas e Pará; 4. A FEB apresentou a apostila II, sobre aprofundamento do Estudo e da Educação da Mediunidade. Assuntos para a próxima reunião, além do tema geral. 1. Estudo dos projetos de organização e funcionamento da reunião de Estudo e Educação da Mediunidade e da Assistência Espiritual na Casa Espírita; 2. Seminário sobre a parte prática da apostila de Iniciação Mediúnica, da FEB; 3. Reciclagem para doutrinadores de reuniões mediúnicas.

b) Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba (FEB). Assuntos da reunião: 1. Campanha de Divulgação do Espiritismo: implementação e desenvolvimento nos Estados; 2. Diagnóstico sobre Comunicação Social Espírita: foi proposta e aprovada uma pesquisa para diagnosticar a situação infra-estrutural da divulgação espírita em cada Estado; 3. Planejamento estratégico situacional dirigido à Comunicação Social Espírita; 4. Comunicação de massa e sua relação com a comunicação doutrinária espírita. Assuntos para a próxima reunião: Minicursos sobre – “Avaliação das Reuniões das Comissões Regionais e sugestões para o seu aprimoramento” e “Capacitação e Formação do Trabalhador da Comunicação Social Espírita”.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Sandra Maria Borba Pereira (FEB), com a colaboração de Maria Euny Herrera Masotti (FEB). Assuntos da reunião: Estratégias para a dinamização do ESDE: a) Capacitação do Coordenador/Monitor; b) Integração do ESDE com os Departamentos da Federativa Estadual. Assuntos para a próxima reunião, além do tema geral: Diretrizes e práticas de integração Monitor/Coordenador do ESDE e Federativa (com destaque para as atividades de apoio/suporte).

d) Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Ribeiro (FEB). Assuntos da reunião: 1. Análise dos resultados das estratégias utilizadas para o desenvolvimento dos vínculos afetivos entre os trabalhadores da Área de Evangelização; 2. Definição de diretrizes com enfoque no apoio às Casas Espíritas para a implantação do trabalho de Evangelização Infanto-Juvenil. Assuntos para

a próxima reunião, além do tema geral: 1. Resultados das ações de implantação do trabalho de evangelização; 2. Acompanhamento dos DIJs das Casas Espíritas: a) Mecanismos; b) Estratégia; c) Instrumentos; 3. Relatório escrito e relato das experiências inovadoras e positivas para o trabalho, realizadas nos Estados; 4. Sugestão de realizar um stand de materiais de evangelização durante a Reunião da Comissão Regional.

e) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com a participação de Edvaldo Roberto de Oliveira (USEERJ). Assuntos da reunião: Metodologia do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita e Experiências Significativas; Cadastro de Entidades e Atividades do SAPSE. Assunto para a próxima reunião, além do tema geral: A preparação do trabalhador do SAPSE: Autoconhecimento; Qualificação técnica; Habilidades interpessoais.

O Secretário Alberto Ribeiro de Almeida fez um relato dos principais assuntos tratados na Reunião dos Dirigentes.

Nestor João Masotti apresentou a nova versão do folheto “Conheça o Espiritismo, Uma Nova Era para a Humanidade”, aprovada pelo Conselho Espírita Internacional e pelo Conselho Federativo Nacional, atualmente impresso em dez idiomas, além do português (espanhol, inglês, francês, italiano, esperanto, sueco, norueguês, holandês, alemão e russo), o qual servirá de base para a próxima reativação da Campanha de Divulgação do Espiritismo. Em seguida, os Representantes das Federativas e da equipe da FEB fizeram suas considerações finais e apresentaram suas despedidas, encerrando-se a reunião com uma prece. ●

Congresso Espírita Americano Miami 2000

Tema Central: O Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião para o Terceiro Milênio

Será realizado em Miami, Flórida (EUA), nos dias 5 a 8 de outubro próximo, no Miami Convention Center, sendo promovido pelo Conselho Espírita dos Estados Unidos da América do Norte, formado por Sociedades Espíritas de vários Estados daquele país.

•
Taxa de Inscrição: US\$ 120,00

•
Demais informações:

No Brasil, Goiânia (GO), com o representante da Comissão Organizadora, Sérgio da Costa Ferreira, pelos telefones:

(0xx62) 973-8030/241-5174 ou e-mail: saferrei@netgo.com.br

Suplemento

Cinqüentenário do Conselho Federativo Nacional

Registramos na edição de Reformador de janeiro deste ano (p. 9) a comemoração dos cinqüenta anos da instalação, em 1º de janeiro de 1950, do Conselho Federativo Nacional da FEB. Neste Suplemento fazemos a retrospectiva das realizações do CFN nas cinco décadas de sua existência, organizando e dinamizando o Movimento Espírita brasileiro.

Década de 50

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, surgido do Pacto Áureo, de 5 de outubro de 1949, foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1950, pelo Presidente da FEB, Antônio Wantuil de Freitas, sendo os primeiros conselheiros os representantes das Federativas dos seguintes Estados: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

O CFN realizava suas reuniões mensais na sede da FEB. Em virtude das grandes distâncias e da precariedade dos meios de transporte, a maioria dos representantes das Federativas Estaduais era composta por delegados residentes na cidade do Rio de Janeiro.

A primeira e importante decisão do Conselho foi a Proclamação aos Espíritas, de 8 de março de 1950, publicada em REFORMADOR daquele mês e reproduzida em nossa edição de janeiro deste ano (p. 9). Seguiram-se-lhe as aprovações nas reuniões subseqüentes: do Plano Trienal de Trabalho; do Regulamento para o Ensino da Doutrina às Crianças; do Plano de Ação para a Comissão de Propaganda e Unificação; da Decisão de 6-1-51 com Orientação sobre o Ensino Religioso nas Escolas Oficiais (que é a mesma atualmente adotada); das Instruções para o Estudo e a Prática do Espiritismo; dos Preceitos Gerais pró Unificação do Espiritismo; do pronunciamento Esclarecendo Dúvidas, em 12-5-53; do esclarecimento, de 7-1-56, de “que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, a fim de que não se verifique solução de continuidade no desempenho de suas atribuições”.

As atividades do Conselho Federativo Nacional e das Entidades Federativas que o constituíam voltaram-se para a organização do Movimento Espírita, com a formação de órgãos municipais, intermunicipais e regionais, que aglutinaram os Centros Espíritas sob a bandeira da Unificação. Foi assim que nasceram, na maioria dos Estados, as Uniões ou Alianças Municipais Espíritas e os Conselhos Regionais Espíritas, cuja ação coordenadora e dinamizadora permitiu o surgimento e a multiplicação de eventos voltados para a divulgação do Espiritismo, tais como as Semanas Espíritas, as Feiras e Exposições do Livro Espírita, as Concentrações e Confraternizações de jovens e adultos, os Congressos Espíritas Estaduais e outros.

Em face de a maioria das Federativas integradas no CFN ser representada por delegação outorgada a ilustres confrades residentes no Rio de Janeiro, preocupou-se o Conselho com a realização da Reunião de Presidentes, ocorrendo a primeira no período de 27 a 29 de agosto de 1956, com a presença de 12 Presi-

dentes; embora o plano previsse tais reuniões de dois em dois anos, a segunda foi promovida somente nos dias 1^o e 2 de outubro de 1966.

Centenário de “O Livro dos Espíritos”

As comemorações do centenário da publicação, por Allan Kardec, de “O Livro dos Espíritos”, em 18 de abril de 1857, evidenciaram os benefícios trazidos ao Movimento Espírita brasileiro pelo Pacto Áureo e pelo Conselho Federativo Nacional, pois que, se o Movimento não estivesse organizado, o Centenário da Doutrina Espírita não atingiria o relevo que teve, sendo oficialmente reconhecido, através do lançamento, pelos Correios e Telégrafos e por iniciativa da FEB, do selo comemorativo – o primeiro selo espírita do Mundo –, que despertou o interesse de espíritas e filatelistas, alcançando repercussão internacional.

Solenidades públicas, Exposições e Feiras do Livro Espírita, intensa divulgação pelos veículos de comunicação comemoraram a passagem do centenário da obra básica da Doutrina em todo o País. Uma edição especial de Reformador registrou para a História esse inolvidável evento.

Caravana da Fraternidade

Com o objetivo de levar aos Estados do Nordeste e do Norte a mensagem da Unificação contida no Pacto Áureo, o representante de São Paulo informa, na reunião do CFN de 6-5-50, que a USE estava organizando uma caravana para visitar as Instituições Espíritas daqueles Estados. Essa iniciativa concretizou-se com a formação da Caravana da Fraternidade, composta por Arthur Lins de Vasconcellos Lopes (Paraná), Carlos Jordão da Silva e Ary Casadío (São Paulo), Francisco Spinelli (Rio Grande do Sul), Leopoldo Machado (Rio de Janeiro) e Luiz Burgos Filho (Pernambuco).

A Caravana partiu do Rio de Janeiro em 31 de outubro de 1950 e, por quarenta dias, percorreu onze Estados do Nordeste e do Norte, visitando Salvador (BA), Aracaju (SE), Maceió (AL), Recife (PE), João Pessoa (PB), Natal (RN), Fortaleza (CE), Teresina e Parnaíba (PI), São Luís (MA), Belém (PA) e Manaus (AM), dissolvendo-se em Belo Horizonte (MG) em 13 de dezembro. Foram fundadas ou reestruturadas as Entidades Federativas dos referidos Estados, as quais se integraram gradativamente no CFN.

Assim, o Conselho Federativo Nacional, que iniciou sua atividade com onze Federativas, chegou ao final da Década de 50 com vinte e uma.

Década de 60

Prossegue o Conselho Federativo Nacional com o seu trabalho em favor da união da família espírita e unificação do Movimento Espírita. As Entidades Federativas empenham-se, por sua vez, no mesmo propósito, procurando organizar suas atividades internas e orientar os Centros Espíritas de suas jurisdições nas práticas doutrinárias.

Dentre as iniciativas do CFN e das resoluções por ele aprovadas na Década de 60, registramos: Resolução de 6-7-63 sobre Concentrações de Mocidades Espíritas; realização em Marília (SP) da I Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil (I COMJEB), no período de 14 a 18 de abril de 1965, quando foi aprovado o Manifesto aos Espíritas do Brasil de apoio à campanha da FEB para construção de sua sede própria em Brasília; confirmação, em 2-4-66, da decisão de 6-1-51 sobre Ensino Religioso nas Escolas Oficiais; Resolução sobre unidade e divulgação do Movimento Espírita (6-1-68).

Realizou-se em 1^o e 2 de outubro de 1966 a Reunião do CFN com a presença de 17 Presidentes de Federativas Estaduais e 5 Representantes das Federativas cujos Presidentes não puderam comparecer, além de 42 assessores. Esta reunião de Presidentes de Federativas, considerada magno acontecimento no Conselho Federativo Nacional, foi dedicada à comemoração do 162^o aniversário de nascimento de Allan Kardec e do 17^o aniversário do Pacto Áureo e encerrou-se com memorável conferência de Divaldo Pereira Franco.

O Conselho contava, em 1969, com 22 membros, ou seja, com as Federativas de todos os Estados brasileiros então existentes e do Distrito Federal.

O Movimento Espírita brasileiro foi agraciado nessa década com duas importantes mensagens do Plano Espiritual: em 2-4-63, Bezerra de Menezes transmite mensagem pelo médium Francisco Cândido Xavier, destacando as diretrizes básicas do Movimento Espírita e do trabalho de Unificação; em 29-9-66 é o próprio Ismael, Protetor Espiritual do Brasil, que se dirige aos espíritas brasileiros, em mensagem captada pelo médium Olympio Giffoni, no Grupo Ismael, da FEB.

Simpósios Espíritas

Os Simpósios Espíritas promovidos pelo Conselho Federativo Nacional em Curitiba (PR), Salvador (BA), Belém (PA), Goiânia (GO) e Rio de Janeiro (GB), este de âmbito nacional, de 1962 a 1966, foram a mais importante realização do CFN, na década de 60, pois que tiveram por objetivo traçar as diretrizes ao Movimento Espírita e aos Centros Espíritas para o estudo, a prática e a divulgação da Doutrina. Apresentamos, a seguir, informações sobre esses eventos:

Simpósio Espírita Centro-Sulino: Realizou-se em Curitiba no período de 20 a 22 de abril de 1962, quando se discutiram os temas sobre Doutrina, Unificação, Educação, Mocidades e Assistência Social, cujas conclusões foram aprovadas na reunião do CFN de 4-8-62.

Simpósio Espírita do Nordeste e Espírito Santo: Realizado com o nome de Concentração das Sociedades Espíritas de Âmbito Estadual do Nordeste e Estado do Espírito Santo, em Salvador (BA), de 14 a 18 de agosto de 1963, no qual foram analisadas as conclusões do Simpósio Centro-Sulino.

Simpósio Espírita do Norte (Concentração das Sociedades Espíritas de Âmbito Estadual do Norte): Realizado em Belém (PA), de 24 a 26 de julho de 1964, o qual analisou as conclusões dos Simpósios de Curitiba (Centro-Sulino) e Salvador.

Simpósio Espírita do Centro-Oeste e Territórios (Concentração das Sociedades Espíritas de Âmbito Estadual do Centro-Oeste e Territórios): Realizado em Goiânia (GO), no período de 30 de julho a 1^o de agosto de 1965, em que foram analisadas as conclusões dos Simpósios anteriores.

Simpósio Espírita Nacional: Realizado no Rio de Janeiro, em 1^o e 2 de outubro de 1966, quando da Reunião dos Presidentes das Federativas Estaduais, na qual o Conselho Federativo Nacional aprovou as conclusões dos quatro Simpósios: de Curitiba, Salvador, Belém e Goiânia.

Centenários

A Década de 60 registrou as datas centenárias de diversos fatos espíritas ocorridos em igual década do século XIX, destacando-se:

a) Centenário de “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, no mês de janeiro de 1961;

b) Centenário de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, em abril de 1964, com o lançamento pelos Correios e Telégrafos de um selo especial, comemorativo do evento;

c) Centenário de “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec, em agosto de 1965;

d) Centenário do primeiro Centro Espírita do Brasil – o Grupo Familiar do Espiritismo –, fundado por Luís Olímpio Teles de Menezes em 17 de setembro de 1865. A FEB imprimiu um milhar de cartões-postais comemorativos e os Correios e Telégrafos emitiram um carimbo obliterador para assinalar a data;

e) Centenário de “A Gênese”, de Allan Kardec, em janeiro de 1968;

f) Centenário da desencarnação de Allan Kardec, ocorrida em 31 de março de 1869, havendo emissão de selo e carimbos comemorativos pelos Correios e Telégrafos;

g) Centenário do primeiro jornal espírita brasileiro – O Eco d’Além-Túmulo – editado por Teles de Menezes, cujo número inicial circulou em julho de 1869. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou o selo e os carimbos comemorativos do 1º Centenário da Imprensa Espírita no Brasil.

As comemorações dessas efemérides envolveram todo o Movimento Espírita, com ampla divulgação pela mídia e realização de diversas solenidades programadas pela FEB e pelas Federativas Estaduais.

Década de 70

Inicia-se essa década com a instalação oficial da Seção-Brasília da FEB, em 3 de outubro de 1970, por ocasião da inauguração do prédio denominado Cenáculo, com palestra de Divaldo Pereira Franco. No dia 4, pela manhã, houve o plantio de duas árvores no terreno da FEB e, à noite, Newton Boechat foi o palestrante.

Na mesma data, o CFN descentraliza seu trabalho através da criação dos Conselhos Zonais, com a seguinte distribuição das Federativas Estaduais: 1ª Zona – Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e Ceará; 2ª Zona – Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; 3ª Zona – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal; 4ª Zona – Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os Conselhos Zonais, que teriam reuniões semestrais, sob a direção do Presidente da FEB, passaram a realizar ciclos de estudo sobre assuntos e questões de interesse da Doutrina e do Movimento Espírita, e as conclusões de cada ciclo zonal eram levadas ao plenário do CFN. Importantes documentos aprovados pelo Conselho Federativo Nacional originaram-se dos estudos feitos nas reuniões dos Conselhos Zonais, como segue:

a) do 3º ciclo de Zonais (outubro/75 a abril/77) resultou o documento “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, aprovado na reunião quadrimestral do CFN, de 1º a 3-10-77.

b) do 4º ciclo (março/78 a novembro/79) originou-se o documento “Orientação ao Centro Espírita”, que seria aprovado pelo CFN na reunião de 4 a 6-7-80.

Em 1º de julho de 1978 ocorre a transferência do Conselho Federativo Nacional para a sede seccional da FEB em Brasília. As suas reuniões mensais, desde a instalação, que passaram a ser trimestrais em fevereiro de 1974 e quadrimestrais em novembro de 1976, tornaram-se anuais na nova sede. Em face da localização de Brasília no Planalto Central e do surto de progresso do País, o CFN ganha maior representatividade, visto que as Entidades Federativas passam

a ser representadas por seus Presidentes ou Diretores.

Campanha de Evangelização

Na reunião do CFN de 1^o a 3 de outubro de 1977, no Rio de Janeiro, é aprovada a Campanha Nacional de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil, cujo lançamento ocorreu na sede da FEB no dia 9 daquele mês. O CFN tornou a Campanha permanente em 1^o de agosto de 1978.

O Departamento de Infância e Juventude (DIJ) da FEB e os DIJs das Federativas Estaduais ampliaram sua ação junto às Casas Espíritas em todo o País, conscientizando e estimulando dirigentes e pais espíritas quanto à importância da evangelização da criança e do jovem.

O trabalho ganhou dimensão internacional, com as caravanas da FEB que levaram a Campanha a vários países do Continente Americano.

Década de 80

Na primeira reunião dessa década (4 a 6-7-80), conforme já registramos, o CFN aprova o importante documento “Orientação ao Centro Espírita”, elaborado e discutido no 4^o ciclo das Zonais.

Em 1983 é criado o quadro das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, que ensejaria a integração, no Conselho, da Cruzada dos Militares Espíritas (1987), da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE) e do Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), ambos em 1988.

Prosseguem as reuniões dos Conselhos Zonais, em seu 5^o ciclo, de abril/82 a outubro/83, com o estudo do tema “Diretrizes para a Dinamização das Atividades Espíritas”, que o CFN aprova em sua reunião de 1983 (25 a 27/nov.).

Nessa mesma reunião de 1983 o CFN lança a Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. O ESDE, como passa a ser chamado, empolga o Movimento Espírita, criando-se cursos do Estudo Sistematizado na FEB, em Brasília, nas Federativas e nos Centros Espíritas, cursos esses que contribuem para aprimorar o conhecimento da Doutrina Espírita e colaboram na formação de recursos humanos para as Casas Espíritas.

Ainda em 1983 é comemorado, em 21 de janeiro, o centenário da revista REFORMADOR.

Dois eventos marcam significativamente o ano de 1984:

1^o) a comemoração, em 2 de janeiro, do centenário da Federação Espírita Brasileira, que teve grande repercussão na imprensa espírita brasileira e de vários países, ocasião em que a sede da FEB se transfere para Brasília;

2^o) a realização na sede da FEB do Curso Internacional de Evangelizadores Espíritas da Infância e da Juventude, de 21 a 26 de julho, com representantes de oito países das Américas (Argentina, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Guatemala, México, Panamá e Uruguai) e dois da Europa (Espanha e Portugal), num total de 39 pessoas.

Em 1987 é lançada a Campanha do Estudo Sistematizado do Esperanto.

A Década de 80 encerra-se com a promoção, pela FEB, do Congresso Espírita Internacional/89, realizado em Brasília no período de 1^o a 5 de outubro de 1989, com a participação de 2.418 congressistas, sendo 2.298 do Brasil e 120 de 21 países das Américas e da Europa. Esse Congresso surgiu de apelos recebidos pela FEB de vários países americanos e europeus, e foi o ponto de origem das iniciativas em prol da unificação do Movimento Espírita em nível internacio-

nal. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu Cartão-Postal e Carimbo comemorativos do Congresso.

Comissões Regionais

Com a finalidade de tornar operacionais as diretrizes e decisões emanadas do Conselho Federativo Nacional, os Conselhos Zonais foram transformados, na reunião de 1985 (1^o a 3/nov.) em Comissões Regionais, formando quatro Regiões: Norte, Nordeste, Centro e Sul. A instalação das Comissões ocorreu em Curitiba (PR), em 25 e 26 de abril de 1986, e as reuniões regulares, nas quatro Regiões, iniciaram-se em 1987.

O trabalho das Comissões Regionais dinamizou as atividades do Movimento Espírita em todos os Estados, incrementando a ação das Federativas internamente e junto aos Centros Espíritas da Capital e do Interior, e propiciando salutar intercâmbio, cooperação e parceria entre as Federativas da mesma região. As reuniões anuais são abrangentes, de forma que, na atualidade, além do encontro de Dirigentes, desenvolvem-se trabalhos em grupo das áreas de Evangelização Infanto-Juvenil, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Comunicação Social Espírita, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita e Estudo da Mediunidade.

Campo Experimental

As atividades da FEB em Brasília, de ordem interna, voltadas para o ensino, constituem, desde a Década de 80, um campo experimental, pois aí são testados os conteúdos de estudo dos diversos cursos, que se transformam em materiais (apostilas, fitas de música, projetos de cursos, etc.), que ficam, após, à disposição do Movimento Espírita.

Os citados cursos referem-se ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), ao Estudo e Educação da Mediunidade (EEM), à Evangelização da Infância e Juventude, ao Estudo Sistematizado do Esperanto, além dos realizados no âmbito do Departamento de Assistência, que englobam os de gestantes, de culinária, costura e artesanato, nos quais são, entre outros assuntos, ministrados os princípios doutrinários do Espiritismo, cursos esses em constante aperfeiçoamento.

Década de 90

Quarenta anos de vigência do Pacto Áureo e de funcionamento do Conselho Federativo Nacional deram ao Movimento Espírita brasileiro razoável grau de organização e maturidade, com reflexos positivos nas atividades e ações desenvolvidas nesta última década do século XX e do 2^o Milênio.

Ainda sob o clima do Congresso de 1989, a Federação Espírita Brasileira comparece ao Congresso Espírita Mundial de Liège, Bélgica, realizado de 3 a 5 de novembro de 1990, no qual se cuidava da fundação de um órgão de unificação do Movimento Espírita, de âmbito mundial, e leva a sua contribuição sobre a experiência brasileira decorrente do Pacto Áureo, quando os seus representantes apresentam os seguintes temas: “O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita”, “O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita” e “Fundamentos da Evangelização Espírita da Infância e da Juventude”. Organizou-se naquele evento uma Comissão Provisória para tratar do assunto, de cujo trabalho, em conjunto com as Entidades Espíritas de âmbito nacional e outras, de vários países, resultou a fundação do Conselho Espírita Internacional (CEI), no dia 28 de novembro de

1992, durante o Congresso Mundial de Espiritismo/92, realizado em Madrid, Espanha.

O Departamento de Infância e Juventude da FEB promove o II Encontro Nacional de Diretores de DIJs, em Goiânia (GO), no período de 25 a 28 de outubro de 1991, com a participação de 22 Federativas.

Também em Goiânia ocorre, de 23 a 25 de julho de 1993, o I Encontro Nacional de Coordenadores do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, com a representação de 23 Estados e do Distrito Federal.

A maturidade do Movimento Espírita brasileiro, a que nos referimos, revela-se, de forma eloqüente, nos anos de 1993 e 1994, na tomada de posição contra as tentativas de descriminalização do aborto e instituição da pena de morte, através de projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional.

Inicialmente, a FEB lança em sua sede, no dia 5 de setembro de 1993, a Campanha Em defesa da Vida, com a abordagem espírita sobre o Aborto, a Pena de Morte, o Suicídio e a Eutanásia. Segue-se-lhe a Campanha Viver em Família, sendo ambas aprovadas pelo CFN em sua reunião de 5 a 7-11-93, as quais são lançadas ao grande público em sessão solene no Auditório Petrônio Portela do Senado Federal, no dia 8 de novembro, com conferência de Divaldo Pereira Franco.

As Campanhas empolgam o Movimento Espírita. A FEB produz farto material de divulgação – cartazes, folhetos com mensagens mediúnicas e vídeos alusivos aos seus temas –, que são fartamente distribuídos em todo o território nacional. No ano de 1994 e nos subseqüentes as Entidades Federativas e as Casas Espíritas centralizam as atividades na realização de congressos, simpósios, seminários, encontros e palestras, tendo por enfoque o pensamento espírita sobre a família, o aborto, o suicídio, a pena de morte e a eutanásia. Assim, as Campanhas Em defesa da Vida e Viver em Família passam a ter caráter permanente.

Em 1995, o Conselho Espírita Internacional promove e a FEB realiza em Brasília o 1º Congresso Espírita Mundial, no período de 1º a 5 de outubro, com a participação de 2.633 congressistas, sendo 224 do Exterior, pertencentes a 34 países. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos faz o lançamento de duas peças filatélicas: o Cartão-Postal e o Carimbo comemorativos do 1º CEM.

Na Reunião Ordinária de 1996 (8 a 10/nov.), o CFN aprova e lança a Campanha de Divulgação do Espiritismo, consubstanciada em dois folhetos: Conheça o Espiritismo, Uma Nova Era para a Humanidade, destinado ao público em geral, e Divulgue o Espiritismo, Uma Nova Era para a Humanidade, voltado para os dirigentes de Casas Espíritas e os seus freqüentadores. Essa campanha, oportuna e objetiva, também se tornou permanente e se projetou além das fronteiras do Brasil: foi adotada, com ligeiras alterações de texto, pelo Conselho Espírita Internacional, e já está traduzida em dez idiomas: espanhol, inglês, francês, italiano, esperanto, sueco, alemão, norueguês, holandês e russo.

A Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil comemorou em 1997 seus vinte anos de implantação e funcionamento, realizando o III Encontro Nacional de Diretores de DIJs, em Brasília, de 24 a 26 de outubro, com a presença maciça de representantes de todos os Estados e do Distrito Federal.

Demonstrando a unidade e solidez do Movimento Espírita federativo, o CFN, pela totalidade de seus membros, na Reunião Ordinária de 1997, apresentou uma Moção de apoio à Federação Espírita Brasileira, que vinha sendo objeto de críticas infundadas, partidas de pessoas e órgãos da imprensa, a qual foi publicada em Reformador de dezembro/97 (p. 360).

Ficou evidenciado, nas reuniões das Comissões Regionais, que a maior necessidade das Federativas e dos Centros Espíritas era a formação de recursos humanos para o melhor desempenho de suas atividades. A fim de atendê-la, a Coordenação das Comissões preparou e apresentou nas reuniões de 1998, em todas as Regiões e em algumas Federativas, o Seminário de Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas.

Respondendo aos anseios dos membros do CFN, que é órgão da FEB, no sentido de uma participação mais efetiva nas atividades da Casa de Ismael, foi aprovada, na Assembléia Geral Extraordinária de 3 de julho de 1999, a ampliação do número de membros do Conselho Superior da FEB, passando a integrá-lo dez membros efetivos e cinco suplentes a serem eleitos entre sócios efetivos indicados pelo CFN.

A FEB promoveu, com aprovação do Conselho Federativo Nacional, o 1º Congresso Espírita Brasileiro, em Goiânia (GO), de 1º a 3 de outubro de 1999, sendo realizado pela Federação Espírita do Estado de Goiás. O evento reuniu no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia mais de duas mil e quinhentas pessoas, procedentes de todos os Estados do Brasil e de outros países, que acompanharam com interesse e entusiasmo as exposições em torno do tema central – Espiritismo no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã. Foram exibidos nas Sessões de Instalação e Encerramento, respectivamente, vídeos em homenagem ao médium Francisco Cândido Xavier e ao Codificador Allan Kardec.

Realizou-se na noite de 2 de outubro, como parte do programa do 1º CEB, a Reunião do Conselho Federativo Nacional Comemorativa do Centenário do Pacto Áureo – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro –, assinado na Grande Conferência Espírita ocorrida na sede da FEB, no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1949.

Na Reunião Ordinária realizada em Brasília de 13 a 15 de novembro de 1999, o Conselho Federativo Nacional aprovou, pela unanimidade de seus membros, importante Mensagem ao Movimento Espírita Brasileiro, com esclarecimentos e recomendações acerca das diretrizes doutrinárias que norteiam as suas atividades e as diretrizes que orientam o trabalho de união da família espírita brasileira e de Unificação do Movimento Espírita, publicada em Suplemento de REFORMADOR de dezembro/99.

Os primeiros cinquenta anos de existência e atuação do Conselho Federativo Nacional encerram-se com o Movimento Espírita brasileiro operando unificado em torno do Pacto Áureo e fiel à Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec. ●

Seara Espírita

Rio de Janeiro (RJ): Seminário sobre Educação

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), realizou em sua sede (Rua dos Inválidos, 182), no dia 22 de julho, o 17º Seminário sobre Educação, tendo por tema central “Uma Análise dos Temas Transversais dos Parâmetros Circulares Nacionais (Ética e Sexualidade)”. Os debates foram conduzidos pelos educadores espíritas Josué Santos de Souza e Lydiênio Barreto de Menezes.

*

Bahia: Encontro de Medicina e Espiritismo

Realizou-se em Salvador, de 4 a 6 de agosto passado, na sede da Associação Bahiana de Medicina (ABM), o 1º Encontro de Medicina e Espiritismo do Nordeste, com o tema central “Visão de uma Medicina Biopsicossocioespírita”, abordado em conferências e palestras por vários expositores, dentre os quais, Marlene Nobre, Fernando Antônio Lins, André Luiz Peixinho, Carlos Roberto de Oliveira, Fábio Pires Vasconcelos e Sérgio Felipe de Oliveira.

*

São Paulo (SP): Bial vende 25 mil Livros Espíritas

A 16ª Bial Internacional do Livro, realizada em São Paulo, de 28 de abril a 7 de maio de 2000, no Expo Center Norte, destinou uma área de cerca de 500m² para 18 editoras e distribuidoras de livros espíritas, coordenadas pela ADELER (Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita), formando a chamada Avenida Bezerra de Menezes, sempre movimentada por grande público, que visitou todos os stands e prestigiou os momentos de autógrafo, proporcionando uma venda recorde de 25 mil livros espíritas.

*

“O Evangelho segundo o Espiritismo” em sueco

No dia 30 de maio passado foi lançada em Estocolmo a primeira obra de Allan Kardec traduzida para o sueco na atualidade – “O Evangelho segundo o Espiritismo” (“Evangelium enligt Spiritismen”), graças ao esforço e dedicação dos tradutores Maria Aparecida Bergman, Solveig Nordström e Nils Hansson. Cooperaram com o empreendimento os confrades Divaldo Pereira Franco e Nilson de Souza Pereira, que ofereceram gratuitamente ao Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec (GEEAK), de Estocolmo, a edição de 500 exemplares da obra, impressos na Gráfica Alvorada, do Centro Espírita “Caminho da Redenção”, de Salvador (BA). (RIE.)

*

Centros Espíritas Centenários

Solicitamos às Federativas Estaduais e demais Instituições Espíritas que encaminhem para a Direção de Reformador informações sobre Centros Espíritas que venham a completar ou já completaram o centenário de fundação no ano 2000, a fim de que possamos registrá-las nas páginas de nossa Revista.

*

Paraná: Conferência Estadual Espírita

Realizou-se em Curitiba, de 18 a 20 de agosto, a IV Conferência Estadual Espírita, promovida pela Federação Espírita do Paraná, com o tema geral “Brasil 500 Anos”, desdobrado nos seguintes temas da atualidade: O Brasil e as questões sociais; O Brasil e a questão educacional; O Brasil e a questão religiosa; O Brasil: o que queremos para o futuro?; O Brasil e as aristocracias. Foram expositores – Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e Altivo Ferreira.

*

Natal (RN): Congresso Espírita

Realizou-se no Centro de Convenções de Natal, de 24 a 27 de agosto, o 10º Congresso Espírita do Rio Grande do Norte, cujo programa consistiu numa série de palestras por expositores de vários Estados, baseadas no tema central “Jesus – Caminho Verdade e Vida”. A promoção foi da Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes.

*

Itália: Novo Centro Espírita

Foi fundado em Nápoles o Centro Espírita Solange Valente, com sede na Via Salvatore Fusco, 12 – 80153 Nápoles – Itália. Seus fundadores, Sr. Massimo Valente e esposa, foram motivados pelas comunicações recebidas da filha desencarnada, Solange Valente, jovem de 18 anos, as quais lhe deram a certeza da sobrevivência do Espírito e da comunicabilidade entre “vivos” e “mortos”. (SEI.)

*

Pernambuco: Encontro do Movimento Espírita

“Os desafios do novo século para o Movimento Espírita” foi o tema central do Encontro do Movimento Espírita Pernambucano (EMEPE 2000), realizado na Escola Técnica Prof. Agamenon Magalhães, no período de 22 a 23 de julho passado. O programa consistiu em palestras, mesa-redonda e oficinas, com abordagem de assuntos ligados ao tema central. Promoveram o evento seis Instituições Espíritas de âmbito estadual sediadas em Recife.



SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome.....
Endereço CEP
Município..... Estado País.....
Tel.: () Celular ()..... Fax
E-Mail Identidade CPF
Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.
Obrigado.

REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome
Endereço
Bairro..... CEP
Cidade Estado
País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade Estado
País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).